



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS
E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS (PPGCLIP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

ELIENAI DOS SANTOS BARRETO RODRIGUES - ORIENTANDA

MARLENE OLIVEIRA DOS SANTOS - ORIENTADORA

PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA

“Pró, Tá Todo Mundo Na Janela”!

Círculos Curriculares Formacionais

Sobre a escuta das crianças no currículo da Educação Infantil

Salvador

2024



ELIENAI DOS SANTOS BARRETO RODRIGUES

MARLENE OLIVEIRA DOS SANTOS

**PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA
“PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”!**

**CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA
DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Produção Técnica-Tecnológica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Currículo, Linguagens e Inovações pedagógicas do curso de Mestrado Profissional em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Currículo, Ensino e Formação de Profissionais da Educação

Salvador
2024

ELIENAI DOS SANTOS BARRETO RODRIGUES

MARLENE OLIVEIRA DOS SANTOS

**PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA
“PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”!**

**CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA
DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Produção Técnica-Tecnológica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, curso de Mestrado Profissional em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Mestre em Educação.

Aprovado em 25 de setembro de 2024.

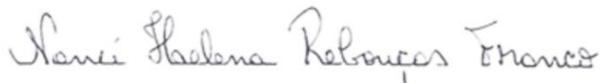
Banca examinadora



Marlene de Oliveira dos Santos - Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA
Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação - Professora Associada



Helga Porto Miranda - Membro Externo
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-Sp
Programa de Pós-Graduação MPEJA e MPGE/UNEB – Professora



Nanci Helena Rebouças Franco - Membro Externo
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – Diretora



Maria Roseli Gomes Brito de Sá - Membro Interno
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia - Professora Titular



*Por um processo de
Formação Continuada
de professoras da
Educação Infantil
que escute as crianças
em suas tagarelices.
Porque as crianças
ao tagarelar expressam
interações, compreensões,
questionamentos,
investigações,
criações e
conhecimentos.
Expressam suas
concepções
sobre a vida e o mundo.*

Ayla - 5 anos

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Rodrigues, Elienai dos Santos Barreto.

“Pró, tá todo mundo na janela”! Círculos curriculares formacionais sobre a escuta das crianças no currículo da educação infantil[recurso eletrônico] / Elienai dos Santos Barreto Rodrigues. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos.

Produção Técnica-Tecnológica (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação infantil. 2. Crianças - Escuta. 3. Currículos. 4. Professoras - Formação. I. Santos, Marlene Oliveira dos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

372.21 ed.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Caderno de campo que foi apresentado inicialmente as crianças	28
Figura 2 – Crianças modificando a capa do caderno que ganhou novo nome	28
Figura 3 – Colaboração das crianças	28
Figura 4 – Caderno de campo que foi apresentado inicialmente às crianças	29
Figura 5 - Crianças interagindo com o Caderno de Tagarelicidades.....	29
Figura 6 – Crianças interagindo com o Caderno de Tagarelicidades	29
Figura 7 – Criança interagindo com o celular	30
Figura 8 – Criança interagindo com o gravador de voz	30
Figura 9 – Fotografia feita na janela da sala de referência a pedido da criança.....	30
Figura 10 – Crianças assinando o nome fictício no TALE	31
Figura 11 – Crianças desenhando no TALE.....	31
Figura 12 – Criança construindo o colar	32
Figura 13 - Criança construindo o colar	32
Figura 14 – Criança construindo o colar	32
Figura 15 – Colares construídos pelas crianças para o assentimento diário.....	32
Figura 16 – Criança usando o colar.....	32
Figura 17 – Criança usando o colar.....	32
Figura 18 – Criança construindo a pulseira para assentimento diário.....	33
Figura 19 – Pulseiras construídas pelas crianças.....	33
Figura 20 – Criança usando a pulseira	33
Figura 21 - Organograma dos Círculos Curriculares Formacionais.....	41
Figura 22 - Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo I.....	51
Figura 23 - Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo II	52
Figura 24 - Escutar a criança é Ato Formacional Ciclo III	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimento Gradual de Redução do Texto	35
Quadro 2 - Procedimento Gradual de Redução e Associação do Texto Narrativo	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
EB	Educação Básica
EI	Educação Infantil
FACED	Faculdade da Educação
GEPEICI	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil, Crianças e Infâncias
MPED	Mestrado Profissional em Educação
PPGCLIP	Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNILAB	Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

RODRIGUES, Elienai dos Santos Barreto. SANTOS, Marlene Oliveira dos. Produção Técnica-tecnológica “**PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA!**” Círculos Curriculares Formacionais Sobre a Escuta das Crianças no Currículo da Educação Infantil. 2024. 84fls. Produção Técnica-Tecnológica (Mestrado Profissional em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

A Produção Técnica-Tecnológica nomeada “**PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA!**” *Círculos Curriculares Formacionais sobre a Escuta das Crianças no Currículo da Educação Infantil* nasceu dos resultados da pesquisa *TAGARELICES DE CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança em uma instituição pública*. Apresenta uma proposição de formação continuada que tem como eixo estruturante a escuta da criança. Destina-se a todas as professoras, as auxiliares das turmas, as profissionais de apoio às crianças especiais, a coordenadora pedagógica e as gestoras da escola campo da pesquisa. Tem como objetivo geral inovar na formação continuada das professoras da EI tendo as crianças e suas vozes como eixo estruturante do processo informacional. Delinearam-se como objetivos específicos: instigar discussões e reflexões sobre a escuta da criança enquanto ato formacional; sensibilizar para perceber e compreender o potente movimento formacional que pode se constituir nos processos de escuta, relação, interpretação e ecos das vozes das crianças no currículo praticado no cotidiano; retroalimentar o processo formacional das professoras a partir das crianças e da escuta de suas vozes; e ressignificar o lugar que tem sido reservado para as crianças, tanto nas ações curriculares cotidianas quanto na formação dos professores da EI. Nesse processo, as crianças são compreendidas seres históricos e de direitos que atuam ativamente na sociedade em todos os espaços e questões que as envolvem. Por isso, a partir delas e de suas tagarelices expressas durante a investigação, serão estabelecidos diálogos com as experiências e práticas curriculares das professoras, enredando-as com as bases teórico-metodológicas da investigação realizada, que é vinculada à pedagogia da infância, à sociologia da infância e à concepção de currículo como criação cotidiana dos sujeitos que fazem o currículo acontecer no cotidiano dos espaços formativos da EI. Espera-se provocar atualizações e inovações na formação das professoras a partir da escuta das crianças e, conseqüentemente, ressignificar o lugar das crianças e de suas vozes na formação das professoras, nas práticas curriculares e no cotidiano da Educação Infantil.

Palavras-chave: Crianças. Escuta. Currículo. Tagarelice curricular de criança. Formação de professoras da Educação Infantil.

RODRIGUES, Elienai dos Santos Barreto. SANTOS, Marlene Oliveira dos. Technical-technological production “**TEACHER, EVERYONE IS AT THE WINDOW!**” Training Curricular Circles on Listening to Children in the Early Childhood Education Curriculum. 2024. 84fls. Technical-technological production (Professional Master’s Degree in Education) - Postgraduate Program in Curriculum, Languages and Pedagogical Innovations - Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

Technical-technological production “*Teacher, everyone is at the window!*” *Training Curricular Circles on Listening to Children in the Early Childhood Education Curriculum* was born from the results of research *Chattering by children in Early Childhood Education: a proposal for Training Curricular Circles from listening to children in a public institution*. It presents a proposal for continuing education with listening to the child as its structuring axis. It is intended for all teachers, class assistants, professionals supporting special children, the pedagogical coordinator and managers of the school where the research took place. Its general objective is to innovate the ongoing training of Early Childhood Education (EI in its Portuguese acronym) teachers, with children and their voices as the structuring axis of the information process. The specific objectives are: instigating discussions and reflections on listening to children as a formative act; raising awareness to perceive and understand the powerful formative movement that can be constituted in the processes of listening, relating, interpreting and echoing children’s voices in the curriculum practiced in everyday life; providing feedback to the teachers’ education process based on the children and listening to their voices; and redefining the place reserved for children, both in daily curricular actions and in the training of EI teachers. In this process, children are understood as historical beings with rights who actively participate in society in all spaces and issues that involve them. Therefore, based on them and their chattering expressed during the investigation, dialogues will be established with the teachers’ experiences and curricular practices, intertwining them with theoretical-methodological bases of the research carried out, which is linked to childhood pedagogy, childhood sociology and the conception of curriculum as a daily creation of the subjects who make the curriculum happen in the daily life of EI formative spaces. It is expected to provoke updates and innovations in teacher training based on listening to children and consequently to redefine the place of children and their voices in teacher education, in curricular practices and in daily life of Early Childhood Education.

Keywords: Children. Listening. Curriculum. Child’s Curricular Chattering. Training of Early Childhood Education Teachers.

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇAR.....	11
1.2 “PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”!	15
2 OS AFETOS DA PESQUISADORA PARA COM AS CRIANÇAS E SUAS TAGARELICES.....	17
3 A CRIANÇA NO OLHAR DA PESQUISA E AS CRIANÇAS DA PESQUISA ..	22
3.1 “ATENÇÃO, OLHA PRA CÁ”! AS CRIANÇAS COLABORADORAS DA PESQUISA E PROTAGONISTAS DA PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA..	23
4 “PRÓ, VOCÊ VEIO OLHAR, FOI? Ô PRÓ, VOCÊ VÊ DIREITO COM ESSE ÓCULOS”? ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E ÉTICOS DA PESQUISA	25
4.1 “A PESQUISA TÁ PESQUISANDO”! A TRAJETÓRIA ÉTICA PARA ENCONTRO COM AS CRIANÇAS E ESCUTA DE SUAS TAGARELICES CURRICULARES.....	27
4.2 “Ô PRÓ, JÁ VI PESQUISA”! A TRAJETÓRIA TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS	33
5 FORMAÇÃO DOCENTE: DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO DE FORMAR-SE COM AS CRIANÇAS EM ESCUTA DE SUAS VOZES	36
6 AÇÃO INTERVENTIVA: “PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”! CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
6.1 PRIMEIRO PRINCÍPIO: A CRIANÇA, AO TAGARELAR, CRIA, VIVENCIA E APRESENTA PAUTAS CURRICULARES NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	42
6.2 SEGUNDO PRINCÍPIO: ESCUTAR A CRIANÇA É ATO FORMACIONAL	46
6.3 CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO	49
7 ESCUTAR AS CRIANÇAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL É UM CONVITE A SEGUIR	63
REFERÊNCIAS.....	66

APENDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	75
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE	80

1 PARA COMEÇAR

Essa Produção Técnica-Tecnológica (PTT) é alinhada teórica e metodologicamente ao Projeto de Intervenção (PI) nomeado *Tagarelices de crianças no currículo da educação infantil: uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança* em uma instituição pública.

O desenvolvimento da pesquisa aconteceu de 21 de março a 14 de junho de 2024, das 13h às 17h, e buscou responder ao **problema**: quais os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças no cotidiano de uma instituição pública da Educação Infantil (EI)? Logo, versou sobre o **objeto** de estudo os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças. Para atingir sua finalidade, definiu-se, como **objetivo geral**, conhecer os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças no cotidiano de uma pré-escola pública. Os **objetivos específicos** são: conhecer como as crianças tagarelam currículo no cotidiano de uma pré-escola; identificar, nas tagarelices das crianças, sentidos do currículo *produzidos/vividos* no cotidiano; elaborar uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta de crianças no currículo da EI para as professoras, as auxiliares das turmas, as profissionais de apoio às crianças especiais, a coordenadora pedagógica e as gestoras escolares da pré-escola campo da pesquisa.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, tomou para campo analítico 14 (catorze) crianças, 7 (sete) meninos e 7 (sete) meninas de um grupo específico de pré-escola Grupo 5 (crianças de 5 anos e 11 meses) de uma unidade da EI municipal de São Francisco do Conde - BA. Os dados foram produzidos por meio da técnica da observação participante (Neto, 2002; Cohn 2005).

Para compreensão do objeto da investigação, os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças, optou-se por configurar como *corpus* de análise as narrativas das crianças, e adotaram-se princípios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação. Para isso, foram tomados como base os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa (auto)biográfica defendida por Delory-Momberger (2012); Passeggi (2010; 2018); Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016); Souza (2006); e Passeggi *et al.* (2017).

Para a análise qualitativa das narrativas das crianças, a inspiração vem de Passeggi *et al.* (2017), utilizando a Análise Temática e o procedimento gradual de redução das transcrições, chegando às sentenças sintéticas, identificando os sentidos-chave que apontaram as categorias de análises norteia a escrita do PI e desta PTT.

A discussão teórica da investigação foi enredada a partir da pedagogia da infância, em encontros dialógicos com a sociologia da infância e a história social da criança. Os eixos conceituais e estruturantes estabeleceram-se articulados com autores cujas perspectivas epistemológicas apresentam discussões caras à pesquisa. Sobre currículo, Goodson (1995; 2007), Macedo (2013a; 2013b), Pinar (2016) e Sá (2008; 2021, 2023); Currículo e cotidiano, Alves (2015) e Oliveira (2016). Educação Infantil e Currículo, Barbosa e Oliveira (2016); Dantas e Lopes (2020) e Santos (2017; 2022; 2024). No que tange às crianças, infâncias e contemporaneidade, dialoga-se com Corsaro (2011), Kohan (2011), Sarmiento e Pinto (1997) e Sarmiento (2004); no que diz respeito às crianças e valores civilizatórios afro-brasileiros, a discussão ancora-se em Trindade (2005; 2010). Sobre as relações étnico-raciais, racismo e preconceitos, conversa-se com Cavalleiro (2024), Bento (2012), Franco e Ferreira (2017), Gomes (2002, 2012) e Nunes (2016). Sobre participação, experiência, escuta e linguagens das crianças, com Friedmann (2013; 2020); Malaguzzi (2016a; 2016b); Edwards, Gandini e Forman (2016a, 2016b) e Santos (2021a; 2021b; 2022; 2024). As discussões de Freire (2022) sobre escuta também incorporam o cerne deste debate, pois esse autor, mesmo sem estudar a EI, apresenta reflexões a respeito da escuta sobre as quais essa investigação é implicada. No contexto de Formação de professora(or) da/na EI, referencia-se em Kramer (2013b); Moro e Nunes (2019); Oliveira-Formosinho (2016).

A partir dos resultados apresentados na investigação realizada, elaborou-se a PTT nomeada ***“PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”!*** *Círculos Curriculares Formacionais Sobre a Escuta da Criança no Currículo da Educação Infantil*. Trata-se de uma Proposta de formação Continuada que tem como eixo estruturante a escuta das crianças, a ser apresentada à pré-escola que acolheu a realização da pesquisa.

É imprescindível explicitar que a PTT é um requisito da pesquisa interventiva na concepção do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PPGCLIP) da Faculdade da Educação (FACED) Universidade Federal da Bahia (UFBA) no curso de Mestrado Profissional em Educação (MPED). Almeida e Sá (2017, p. 9) evidenciam que proposta de intervenção tem como finalidade “[...] provocar movimentos formativos que partem da realidade concreta das redes públicas de educação [...]”. Nessa perspectiva, a PTT é estruturada a partir da Orientação nº 1/2023, com atualização em 24 de setembro de 2024 (UFBA, 2024a; 2024b). Também é vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil Crianças e Infâncias (GEPEICI).

Desse modo, integra-se aos campos do currículo na EI e formação de professoras da EI. Tem como **objetivo geral** inovar na formação continuada das professoras da EI tendo as crianças e suas vozes como eixo estruturante do processo formacional. Para isso delineiam-se os **objetivos específicos**: instigar discussões e reflexões sobre a escuta da criança enquanto ato formacional; sensibilizar para perceber e compreender o potente movimento formacional que pode se constituir nos processos de escuta, relação, interpretação e ecos das vozes das crianças no currículo praticado no cotidiano; retroalimentar o processo formacional das professoras a partir das crianças e da escuta de suas vozes; e ressignificar o lugar que tem sido reservado para as crianças, tanto nas ações curriculares cotidianas quanto na formação dos professoras da EI.

Sinaliza-se que este PTT marca o lugar da professora pesquisadora de EI que adentra o mundo da pesquisa e escolhe produzir conhecimentos com as crianças. Justifica-se o uso do termo professora ao longo do texto como opção política para destacar o lugar de professoras da EI e reverenciar as mulheres, que tradicionalmente exercem a docência, tanto nas creches quanto nas pré-escolas brasileiras. Ao usar o termo professora neste PI, honra-se todas as mulheres que são precursoras da profissão docente na EI.

Entendem-se necessárias as posições políticas supracitadas, tanto para afirmar que professoras da EI são profissionais que produzem conhecimentos, seja nas ações cotidianas praticadas com as crianças no seu espaço profissional ou nas universidades públicas brasileiras, quanto para valorizar as professoras que desenvolvem a docência com bebês e crianças em cada canto desse país.

Sendo assim, é com uma mistura de sensações que a PTT é organizada e apresentada. Nasceu imersa em alegria pela conquista da pesquisa concluída, comprometida em socializar o resultado da investigação com a escola, e principalmente engajada na responsabilidade em ecoar as vozes das crianças que linda e generosamente assentiram participar da investigação. Considera-se que a forma mais potente para ecoar as vozes das crianças entre o coletivo das profissionais do campo da pesquisa é através de processos de formação.

Nesse contexto de escuta e formação, as crianças se apresentam “[...] para configurar e colorir mais (in)tensamente os cenários curriculares em geral feitos para elas, mas raramente com elas” (Macedo, 2013a, p. 29). Por isso, a formação, aqui, é concebida e anunciada como experiência formacional aprendente com as crianças em escuta de suas vozes.

A investigação realizada comprovou que as crianças criam, vivenciam e tagarelam, a seus modos, sentidos de currículos em todos os momentos em que estão presentes nos espaços da pré-escola. Elas vivem de forma intensa o processo formativo da EI e expressam, em tagarelices, as estratégias, investigações, inquietações e criações curriculares que elaboram em interações com os conhecimentos. Ao tagarelar, as crianças colocam, diante da professora e do currículo, o que já compreendem, o que desejam significar e aprender, como desejam interagir com os conhecimentos, o que não querem conceber naquele momento. e as formas como gostariam de interagir com os conhecimentos. Elas também denunciam e criticam as práticas curriculares que não lhes agradam e apontam questões curriculares e formas de interação que lhes interessam.

Por isso, para o processo de formação concebido nesta PTT, escutar a criança é ato formacional, lugar de encontros e diálogos com as crianças, seus modos de pensar, sentir, tagarelar currículos, significar e se apropriar de conhecimentos. Logo, o processo formacional acontece interligando e conectando as professoras e suas experiências às crianças. Possivelmente, provoca relações e interpretações do que as crianças estão expressando cotidianamente sobre currículo. Isso pode estimular valorização da criança e sua voz na EI, e conseqüentemente, pode instigar ressignificação de concepções de criança, EI, currículo e práticas curriculares cotidianas. Considera-se que esse é um movimento de inovação, pois inovar perpassa ressignificar concepções e atualizar práticas.

Apresenta-se a PTT estruturada em sete (7) seções. A primeira seção, nomeada *Para começar*, anuncia a PTT, correlacionando o PPGCLIP-MPED-UFBA e a pesquisa que dá origem a sua elaboração. Sinaliza os objetivos gerais e específicos da formação continuada, destaca a escuta da criança como eixo estruturante da proposta formacional e explicita a relação que estabelece entre a narrativa “*PRO, TÁ TODO MUNDO NA JANELA*”! com a criança, o currículo e a formação em proposição.

A segunda seção, *Os afetos da pesquisadora para com as crianças e suas tagarelices*, aborda as implicações da pesquisadora com as crianças e suas tagarelices, e justifica o uso do termo *tagarelices* na pesquisa e na PTT. A terceira seção, *As crianças no olhar da pesquisa*, coloca holofotes nas crianças. Declara a criança sujeito histórico e de direitos que atua ativamente em todas as questões que a envolvem, dialoga com pressupostos teóricos que defende essa perspectiva de criança, também apresenta as crianças colaboradoras da investigação e protagonistas desta PTT.

A quarta seção, *Pró, você veio olhar foi? Ô pró, você vê direito com esse óculos?* Aspectos teórico-metodológicos e éticos da pesquisa, tem como foco os aspectos teóricos, metodológicos e éticos adotados pela pesquisa e conseqüentemente na PTT. A quinta seção, *Formação docente: da tradição à inovação de formar-se com as crianças em escuta de suas vozes*, apresenta resumidamente os caminhos da tradição da formação das professoras da EI e evidencia a inovação em escutar as crianças nos processos formacionais.

A sexta seção, *Proposta de intervenção: “PRÓ, TA TODO MUNDO NA JANELA”! Círculos Curriculares Formacionais Sobre a Escuta da Criança no Currículo da Educação Infantil*, comunica a estrutura e organização da formação proposta e destaca os dois princípios que orientam sua elaboração: o primeiro, *A criança ao tagarelar cria, vivência e apresenta sentidos de currículos nos espaços da EI*; e o segundo princípio, *A escuta da criança como Ato Formacional*.

Por fim, a última seção, *Escutar as crianças na formação de professores da EI é um convite a seguir*, expressa um convite a atentar para a urgência da escuta das crianças e os ecos de suas vozes na formação das professoras.

1.2 “PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”!

Na tarde de outono do dia 5 de abril de 2024, João (5 anos) e Ariel (5 anos), assim que terminaram de fazer a atividade de sequência da letra ele (L), foram para a janela da sala de referência e todas as crianças, uma após outra, os acompanharam. Destaco que a janela durante, todo o período da investigação, sempre foi bastante disputada pelas crianças, pois eram atraídas pela vida que acontecia fora do ambiente da pequena sala. Possivelmente o afeto das crianças pela janela ocorre pela oportunidade que elas têm em experimentar outras possibilidades de interação e aprendizagens.

As crianças estavam olhando pela janela, quando repentinamente João (5 anos) disse: “Ô pró, ô pró, tem um passarinho ali no poste! Ele tá voando pra cá, ó pró”! Em seguida, João olhou para as crianças que estavam atrás dele na janela e todo sorridente gritou, cantarolando: “Pró, tá todo mundo na janela”! Entende-se que, através dessa narrativa, é possível estabelecer relação entre a janela, o currículo praticado com as crianças e a formação.

As crianças estavam na janela construindo e revelando novos horizontes curriculares! A janela pode ser significada em abertura do currículo para o universo sem

fronteira prescritiva, que se abre quando se escuta e acolhe as formas como as crianças elaboram estratégias de interação com os conhecimentos. Esta PTT convida as professoras e demais profissionais da pré-escola a experienciar formar-se olhando pelas janelas curriculares das crianças. A escutar suas vozes e perceber que existe, nas suas tagarelices, um infinito de possibilidades de processos formativos em eminência.

2 OS AFETOS DA PESQUISADORA PARA COM AS CRIANÇAS E SUAS TAGARELICES

“Eu tive uma ideia! Vumbora fazer? Bora fazer uma casa com madeira no chão”? Disse Gabriel (5 anos), ao receber uma caixa de jogo de memória (Caderno das Tagarelicidades, 10 de abril de 2024).

Falar da vida-formação da professora e pesquisadora da EI autora desta produção é falar do encantamento e do afeto pelas crianças e suas tagarelices. As narrativas das crianças que anunciam essa discussão representam as infinitas vozes de crianças que marcaram, marcam e continuarão a afetar a vida da pesquisadora. Durante a escrita do projeto de pesquisa, propôs-se a pergunta: onde mesmo nasceu essa relação afetiva pelas crianças e suas vozes? Buscando os fios da memória, a pesquisadora percebeu que, em seu viver e ser professora da EI, as crianças e suas vozes sempre estão presentes, não fazendo diferença, se nas escolas de EI ou nos outros espaços de sua convivência social, elas não forem ouvidas.

Atreveu-se a pensar que as águas do curso afetivo pelas crianças e seus falares têm sua nascente na EI da criança Elienai, nas tagarelices que cercaram a infância e seu ser criança, nos finais da década de 1970, quando deu início a sua formação sistemática na linda e pioneira Escola Monteiro Lobato, instituição pública de EI ainda em funcionamento no município supracitado. Possivelmente, essa escola foi construída para atender as crianças ricas, principalmente filhas e filhos de políticos governantes da cidade naquele período histórico, e nesse contexto, poucas crianças da classe trabalhadora tiveram seu direito à EI assegurado.

Certamente, a pesquisa é atravessada pelas memórias das experiências, em que estão presentes a beleza estrutural dessa escola, que até os dias de hoje ainda é a escola de EI dessa rede municipal com a melhor infraestrutura física. Essa informação é importante para evidenciar o quanto essa escola, naquele tempo, era uma novidade e atraía as crianças para estarem nela.

Ao tecer esta PTT, a pesquisadora percebe-se invadida pelas lembranças das histórias contadas e das muitas festas comemorativas das quais participava. Memórias dos brinquedos, brincadeiras, dos cheiros e sabores dos lanches que invadiam as salas. Memórias vivas do encantamento, das fantasias e das tagarelices das crianças, seus movimentos e risos, subindo e descendo as escadas e as rampas dessa escola, mas também os silenciamentos, medos, choros, discriminações, e momentos de solidão vividas que cercaram o ser criança e a infância da pesquisadora naquele tempo e espaço escolar.

Nesse movimento de se ver e narrar-se olhando a partir da criança Elienai no espaço da EI, percebe-se que, possivelmente, ali nascia o encontro da pesquisadora com as crianças, suas tagarelices e com a EI, encontro que se tornou central na itinerância de vida-formação-profissão e a guiou pra Curso de Magistério, logo após para a docência nas turmas de EI e seguidamente para o Curso de Pedagogia e para o mundo das pós-graduações, sempre em busca por ampliar a compreensão das crianças, suas infâncias e o papel político e social da EI na vida das crianças.

Nesse contexto, entende-se que a pesquisa é atravessada pelos fios das experiências que dão vida, cor e matizam a formação docente, “[...] como um ‘rito’ de passagem pois a sabedoria e o conhecimento são paulatinamente construídos nas diversas instâncias da vida” (Moreira, 2023, p. 262). Todos esses encontros iniciados com as crianças, que se alargaram com professoras, gestores escolares, coordenadores pedagógicos, famílias e comunidade foram gerando uma força motriz que sempre impulsionaram a olhar as crianças em suas tagarelices no contexto da pré-escola.

Destaca-se que o encontro com as crianças na construção do referencial curricular franciscano, política de currículo do município de São Francisco do Conde – BA, em 2021, acionou o olhar da professora para as tagarelices curriculares da criança que acontecem no cotidiano dos espaços de EI, e exatamente nesse momento de vida-profissão-formação em encontros com as crianças e suas tagarelices que iniciaram os questionamentos que levaram ao problema da pesquisa realizada: quais os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças no cotidiano de uma instituição pública da EI?

Afetada por essa questão, adentrou o mundo científico do PPGCLIP-MPED-UFBA-FACED e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil Crianças e Infâncias GEPEICI – UFBA para discutir e ampliar as reflexões sobre essa problemática de pesquisa, com as professoras e os professores pesquisadoras do MPED e do GEPEICI com as mestrandas e doutorandas do campo das infâncias, crianças e EI do GEPEICI. Para além desses, existiram tantos outros encontros que os movimentos formativos do mundo da pesquisa possibilitaram acontecer com pesquisadoras e pesquisadores na esfera nacional e internacional de diversos grupos de pesquisas e programas de pós-graduação. Encontros de trocas que ampliaram as discussões e possibilitaram construir uma potente base teórico-metodológica e ética para qualificar o projeto de pesquisa e adentar o campo para investigação e compreensão do objeto de pesquisa.

Isso evidencia o que já pontuava Freire (2022, p. 31): “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando”. Desse modo, entende-se que a professora pesquisadora da EI se constitui em um certo tempo e lugar, vivido em ambiências e influências matizadas pelas infindas relações históricas, políticas, sociais, filosóficas, econômicas, espirituais, éticas, étnicas e estéticas. Por isso assume o lugar de mulher, negra, baiana, franciscana, professora de EI, pesquisadora posicionada na atualidade a esperar com a produção de conhecimentos com as crianças uma EI com TODAS ELAS, em suas tagarelices.

Escutar Tagarelices de criança? Isso mesmo, TAGARELICES!

Ou será que buscamos, nas crianças, lógicas e compreensões de adultos? Lógico que não! Defende-se, aqui, escutar as crianças no que não é escutado. Escutar o não observado, valorizado. Escutar o que é silenciado e invisibilizado. Escutar as concepções das crianças que muitas vezes são deixadas à margem do processo formativo que envolve o cuidar e educar na EI.

A pesquisa que deu origem a esta PTT acalenta e renova a profissionalidade da pesquisadora. Certamente ela nasce em palco vivo, político, inquieto e tagarela do fazer docente na EI, sensível à beleza e à alteridade das crianças. Com a compreensão de que estar com as crianças nos espaços da EI implica perceber um “[...] encontro de uma verdade que não aceita a medida do nosso saber, com uma demanda de iniciativa que não aceita a medida do nosso poder [...]” (Larrosa, 2016, p. 186), nessa perspectiva, busca-se escutar as crianças em suas tagarelices curriculares no processo de formação continuada.

O termo *tagarelice* apresenta-se na pesquisa como escolha política para provocar primeiramente estranhamentos, e conseqüentemente, reflexões sobre a importância de escutar as crianças no currículo da EI. Nesse contexto, tagarelice apresenta-se em defesa de que a criança vive e compreende o mundo expressando-se com suas mais de *cem linguagens* (Malaguzzi, 2016a; 2016b).

Tagarelice é descrita, em Ferreira (2008), como costume ou prática de tagarelar. Geralmente, é entendida como discurso irrelevante de pouca importância, indiscrição e intrometimento, mas na investigação realizada e nesta PTT, tagarelice apresenta-se para transgredir os sentidos que são atribuídos a esse termo às expressões das crianças. Trata-se de considerar o discurso da criança como lugar de poder de fala e estratégia para marcar presença e compreender o mundo.

Tagarelice, na pesquisa, é significada como narrativas e expressões do ser criança, às vezes inesperadas e extravagantes. Outras vezes, cômicas, questionadoras e estonteantes. Por vezes, chorosas, silenciosas, observadoras. Nessa lógica, o ato de tagarelar é considerado movimento falante-pensante, criativo, relacional-investigativo da criança em processos de interações, criações, significações e aprendizagens.

Interligam-se as tagarelices da criança ao pensamento de liberdade e autonomia de Freire (2022), aos valores civilizatórios afro-brasileiros na EI defendidos por Trindade (2005; 2010), às questões étnicas (Cavallero, 2024; Bento; 2012; Franco, Ferreira, 2017; Gomes, 2002, 2012; Nunes, 2016) e perspectiva da abordagem malaguzziana (Edwards; Gandini; Formann, 2016a; 2016b) por colocar, no centro do processo formativo da EI, a criança, suas linguagens, o protagonismo infantil e a escuta.

É preciso deixar explícito que tagarelice, aqui, se apresenta para repudiar o lugar de pensar-entender-dizer que a criança é tagarela por falar demais. Recusam-se as formas equivocadas de significar as tagarelices da criança como coisas sem importância, e as ações silenciadoras com as tradicionais e populares narrativas: “Cala boca, menina”! “Cala a boca, menino”! “Agora não é hora de falar sobre isso”! Recusa a definição de que os falatórios das crianças são coisas irrelevantes e insignificantes, por entender que essa concepção nega a alteridade da criança e coloca sua fala no lugar de pouca importância, silenciamento e submissão.

Entende-se que, na EI, a tagarelice tem relação direta com os anseios e as estratégias da criança para interagir, investigar e experienciar a vida em acontecimento. As crianças tagarelam para construir, testar, reconstruir, (re)significar, compreender o mundo. Logo, tagarelar é uma ação formativa das crianças. Parte-se da perspectiva que, nas tagarelices das crianças expressas nos espaços da EI, existe uma *belezura* curricular que não cabe mais ser negada, silenciada, invisibilizada e desconsiderada. Apresenta-se a proposta de formação continuada com ênfase na escuta das tagarelices das crianças por acreditar que escutar o que as crianças estão tagarelando, nos espaços da EI, aproxima o currículo cotidiano da novidade curricular presente nas criações das crianças.

Por isso, a professora pesquisadora da EI, com as crianças participantes da investigação, apresenta a PTT como um convite a seus pares de profissão a experienciarem um processo formacional escutando as crianças nas suas expressões diversas! Também, para ampliar os processos de escuta entendendo as vozes das crianças como lugares de encontros com os saberes das crianças, lugar de perceber, conhecer e significar as relações e significações que elas estabelecem com o mundo e os

conhecimentos. Nesses termos, escutar as crianças para se encantarem e afetarem-se por elas e por suas vozes, e (re)significar o (Não)lugar reservado a elas, tanto nas formações das professoras da EI quanto no cotidiano e nas ações curriculares da/na EI.

3 A CRIANÇA NO OLHAR DA PESQUISA E AS CRIANÇAS DA PESQUISA

Em primeiro lugar, é preciso anunciar que as crianças são concebidas, nesta PTT, “[...] agentes sociais ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente contribuem para a produção da sociedade adulta” (Corsaro, 2011, p. 15), e a infância, compreendida uma categoria social (Corsaro, 2011). Diante dessas concepções, a criança “[...] brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p. 12).

Elas chegam nos espaços da EI trazendo consigo a representação e a materialização do ser humano no seu jeito mais falante. Tagarelando, anunciam a vida, os fatos, acontecimentos, e expressam significações e interrogações sobre o mundo. Sabe-se que nem sempre a ideia de infância e criança, como percebemos hoje, existiu na sociedade.

Nas reflexões de Pinto (1997), a ideia moderna de infância como fase autônoma só começa a surgir a partir do século XVII, e principalmente no século XVIII, atrelada à aristocracia e ao mundo da burguesia. É importante destacar “O pensamento sobre infância acompanha e de algum modo reflete e suscita o interesse que a sociedade foi devotando às crianças e à sua educação” (Pinto, 1997, p. 44). Corsaro (2011) endossa essa reflexão ao salientar que os adultos geralmente veem as crianças com o olhar perspectivo. Isso faz com que a ênfase seja dada no que elas se tornarão no futuro, desconsiderando o que elas já são, crianças.

É certo que, diante da diversidade e complexidade que constituem as infâncias de aqui, de ali, de lá, de acolá, de cá e de lá adiante, é preciso considerar que tanto a infância quanto a criança são entendidas a partir das formas que decidem concebê-las: “Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece” (Pinto, 1997, p. 33-34). Neste estudo, as crianças são concebidas pelo que elas são, CRIANÇAS vivendo suas infâncias. Seus saberes, fazeres e quererem não são melhores nem inferiores aos dos adultos. Elas são construtoras de saberes de criança. Logo, nos espaços formativos da pré-escola, as crianças e seus saberes precisam ser considerados.

Escutar as crianças é a via potencializadora para conhecer e compreender seus saberes e as linguagens que elas utilizam para expressá-los. Entender que as crianças são construtoras de saberes é a porta de entrada para perceber os sentidos de currículo que

elas anunciam no cotidiano dos espaços da pré-escola, e estimular as crianças a se desenvolverem em todos os aspectos, sejam eles sociais, cognitivos, afetivo e motor.

3.1 “ATENÇÃO, OLHA PRA CÁ”! AS CRIANÇAS COLABORADORAS DA PESQUISA E PROTAGONISTAS DA PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA

Quem são elas, que vêm solares pelas ruas calorosas da bela São Francisco do Conde-Bahia? Quem são elas, que vêm a passos crianceiros, tagarelas, saltitantes e vibrantes? Quem são elas, cuja extrema beleza retrata a autêntica mistura ancestral de negros, índios e brancos? Quem são elas, cujos corpos reluzem beleza, energia vital, oralidade, musicalidade e ludicidade?

As crianças não têm como serem reveladas, explicadas, explicitadas. Elas e somente elas se revelam no constituir-se, no acontecer do ser criança. Veementemente mostram-se para todos que estiverem dispostos a encontrá-las e contemplá-las. Estar com elas, caminhar com elas, observá-las, admirá-las, escutá-las, são as ricas e exclusivas possibilidades que nos ajudam a nos aproximar das crianças, e significar e compreender as formas de ser criança.

Certamente, ao longo da pesquisa, com perspicácia, elas mostraram que são absolutas na arte de se anunciar. Então, decidiu-se colocar as crianças sob holofotes para que elas se apresentem por meio de desenhos, dos nomes que elas escolheram para serem identificadas na investigação e, claro, com suas tagarelices.

Com vocês, as CRIANÇAS participantes da pesquisa!



“Eu fui no zoológico. Lá na Bahia!”
Enzo (5 anos)



“Eu moro em São Francisco do Conde!”
Lara (5 anos)



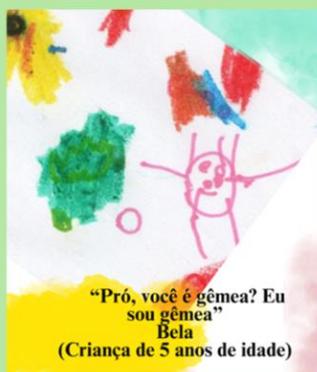
“Eu sou muito esperto! Bora brincar de jogo da velha?”
Júnior (5 anos)



“Minha mãe disse que eu sou filha!”
Maria (5 anos)



“Pró, você é gêmea? Eu sou gêmea!”
Bela
(Criança de 5 anos de idade)



“Eu vim na frente. Eu sou o primeiro!”
Mateus (5 anos)



Pra conhecer Luna (5 anos) é preciso escutar seu silêncio.



“Eu virei careta!”
Ariel (5 anos)



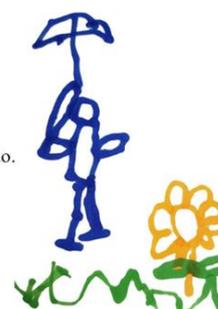
“Sabia que eu sou um goleiro treinado?”
João (5 anos)



“Meu pai é pescador!”
Ana Júlia (5 anos)



“Eu ganhei um violão. Ele toca bem. Toca bem”.
Gabriel (5 anos)



4 “PRÓ, VOCÊ VEIO OLHAR, FOI? Ô PRÓ, VOCÊ VÊ DIREITO COM ESSE ÓCULOS”? ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E ÉTICOS DA PESQUISA

Em uma das tardes da pesquisa, Ayla (5 anos), ao perceber a pesquisadora observando as crianças na fila do banheiro, fez as seguintes perguntas: “Pró, você veio olhar, foi, pró? Ô pró, você vê direito com esses óculos”? (Caderno das Tagarelicidades, 02 de abril de 2024).

Pensar a metodologia é um dos grandes desafios na produção do conhecimento científico. Nos termos da pesquisa do PPGCLIP-MPED-UFBA, a escolha pela metodologia implica desenhar a trajetória a ser percorrida na investigação para estudar o objeto em foco, e a partir dos resultados, criar, de forma colaborativa, estratégias para possibilitar reflexões, ressignificações, atualizações e inovações na realidade investigada.

Para Minayo (2002, p. 16), a metodologia “[...] inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. Tecendo esse pensamento da autora com a narrativa de Ayla (5 anos): “Ô pró, você vê direito com esses óculos”? Reflete-se sobre a importância de construção de uma trajetória de pesquisa implicada no rigor teórico-metodológico que possibilite adentrar o campo de investigação com as estratégias adequadas para observar, ver, escutar, analisar e compreender o objeto em estudo.

A pesquisa realizada tomou como base metodológica a abordagem qualitativa (Minayo, 2002; Macedo 2009; Galeffi, 2009). Sob a perspectiva de Macedo (2009, p. 93), “o rigor da inspiração teórica de uma pesquisa qualitativa se realiza na dialogia crítica que estabelecemos com a teoria, com a empiria, implicando aí as nossas interpretações e dos atores sociais”. O autor destaca que essa concepção de pesquisa é fundamentada em “[...] uma ética da qualidade que se alcança com certo rigor fecundo, epistemológico, social e politicamente referenciado, porque é constituído na intercompreensão, na intercristica [...]” (Macedo, 2009, p. 80).

Para Minayo (2002, p. 21-21), a pesquisa qualitativa direciona-se a investigar “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo [...] dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”.

Ao discorrer sobre a abordagem qualitativa, Galeffi (2009, p. 59) chama atenção: “[...] o seu fim é o conhecimento em seu acontecimento [...]”. Para esse autor, essa forma

de produzir conhecimento considera e pensa o humano a partir de sua condição existencial, tanto nos aspectos individuais quanto sociais, simultaneamente.

Galeffi (2009) salienta que os fenômenos de caráter qualitativos se expressam em processos linguísticos complexos de subjetivação, e para apreender os objetos investigados, é necessária a utilização de meios descritivos. O autor chama atenção: “preparar-se para captar essa complexidade inerente aos mundos humanos é um dos cerne da constituição de um rigor outro, porque aberto à diferença, às interações e conexões incontáveis” (Galeffi, 2009, p. 109). Outro destaque importante sinalizado em Galeffi (2009, p. 32) é que “todo construto qualitativo é sempre uma aproximação ou ressonância sensível, o que requisita o aparelho de captura adequado”.

O campo escolhido para a investigação foi uma unidade de EI que atende turmas de pré-escola. Essa unidade escolar faz parte da rede municipal de ensino de São Francisco do Conde – BA, e é o espaço de atuação profissional da pesquisadora. Tomou-se para campo analítico 14 (catorze) crianças, 7 (sete) meninos e 7 (sete) meninas de um grupo específico de pré-escola, Grupo 5 (crianças de 5 anos e 11 meses), de uma unidade da EI. Turma escolhida pela gestão escolar por considerar que, como a pesquisa iniciou concomitante ao ano letivo entre as turmas da escola, era essa a mais adaptada ao contexto escolar, pois todas as crianças também cursaram nessa instituição o Grupo 4 (crianças de 4 anos e 11 meses).

Para compreender o objeto da investigação, optou-se por configurar como *corpus* de análise as narrativas das crianças. Adotaram-se princípios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação, e tomou-se como base os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa (auto)biográfica defendida por Souza (2006); Passeggi (2010; 2018); Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016); e em Delory-Momberger (2012); Passeggi *et al.* (2017) e Coêlho e Souza (2019), que defendem a importância dessa abordagem metodológica tanto em pesquisas realizadas com adultos quanto com crianças.

Os dados foram produzidos pela técnica da observação participante (Neto, 2002; Cohn 2005). Ao escolher a técnica da observação participante, importa entender o que afirma Cohn (2005), que a criança deve ser considerada e tratada como um sujeito social pleno, que interage no meio social, e de forma ativa e autônoma, consolida as relações e os papéis que assumem no seu meio.

A discussão teórica da investigação foi enredada a partir da pedagogia da infância e da sociologia da infância. Os eixos conceituais e estruturantes foram estabelecidos em articulação com autores cujas perspectivas epistemológicas apresentam discussões caras

à pesquisa. Currículo: Goodson (2007), Sá (2008; 2021), Pinar (2016) e Macedo (2013a; 2013b); Currículo e cotidiano: Alves (2015) e Oliveira (2016); EI e Currículo: Dantas e Lopes (2020), Barbosa e Oliveira (2016) e Santos (2017; 2022; 2024); Crianças, infâncias, contemporaneidade: Sarmiento e Pinto (1997); Sarmiento (2004) e Corsaro (2011); Valores civilizatórios afro-brasileiros: Trindade (2005; 2010); Crianças e Relações Étnico-raciais: Gomes (2002; 2012), Cavalleiro (2024), Nunes (2016) e Franco e Ferreira (2017); Participação, experiência, escuta e linguagens das crianças: Friedmann (2013; 2020); Malaguzzi (2016a; 2016b); Edwards, Gandini e Forman (2016a; 2016b) e Santos (2021a; 2021b; 2022; 2024); e as discussões de Freire (2022) sobre escuta incorporam o cerne deste debate, pois mesmo sem estudar a EI, ele apresenta reflexões sobre escuta que são caras à investigação.

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos, a investigação se desenvolveu com enfoque na abordagem interpretativa das narrativas das crianças. Para isso, teve como referências os percursos investigativos desenvolvidos por Coêlho e Souza (2019), e os estudos de Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016).

Para o registro das narrativas, foram utilizados áudios (Cohn, 2005), registro por meio da escrita no caderno de campo (Nunes, 2019), os desenhos das crianças (Bertasi, 2019; Ribeiro, 2022), produção de vídeos e fotografia (Cohn, 2005; Gobbi, 2011). Todos esses aparatos tecnológicos foram importantes aliados da pesquisadora na trajetória de seguir observando as crianças e escutar suas tagarelices.

No estudo realizado, esses instrumentos foram de grande relevância, pois cada um deles, nas suas especificidades, colaboraram para assegurar e ampliar a qualidade das análises das narrativas das crianças. Como aponta Barbosa (2014, p. 243), “as imagens – fotografia, filme, vídeo – são documentos, não são neutros, como qualquer outra modalidade de registro”. Logo, eles agregaram informações e permitiram importantes reflexões na análise do estudo em foco.

4.1 “A PESQUISA TÁ PESQUISANDO”! A TRAJETÓRIA ÉTICA PARA ENCONTRO COM AS CRIANÇAS E ESCUTA DE SUAS TAGARELICES CURRICULARES

“Tira uma foto minha, aqui na janela, olhando a rua”? (Gabriel - 5 anos) (Caderno das Tagarelidades, 08 de maio de 2024).

“Posso falar aí, no seu celular? [...]. Agora deixa eu ouvir”? (Mateus - 5 anos) (Caderno das Tagarelidades, 26 de abril de 2024).

“Tira a foto agora não, deixa eu fazer o C bonito primeiro”! (Júnior - 5 anos) (Caderno das Tagarelicidades, 04 de junho de 2024).

“Hoje eu não quero colocar a pulseira não”! (Gabriel - 5 anos) (Caderno das Tagarelicidades, 22 de maio de 2024).

“A gente vai levar pra casa, pró, essa pulseira e o colar”? (Ayla - 5 anos) (Caderno das Tagarelicidades, 25 de março de 2024).

“Deixa eu escrever aí no seu caderno? Me dá sua caneta?” (Gabi - 5 anos) (Caderno das Tagarelicidades, 28 de março de 2024).

As narrativas que abrem esta discussão foram criadas pelas crianças em seus processos de atenção e interação com o movimento da pesquisa. Durante todo o percurso da investigação, as crianças interagiram de forma autônoma e afetuosa com os instrumentos de registros dos dados, o smartfone da pesquisadora, a câmera fotográfica de Mariellem da Silva Barreto e o caderno de campo. As crianças tiveram uma atenção especial pelo caderno de campo.

O caderno de campo foi nomeado pela pesquisadora, a princípio, *Caderno das Tagarelices Curriculares das Crianças*, mas no momento da partilha da pesquisa com as crianças, João (5 anos) renomeou de *Caderno das Tagarelicidades*. A criança fez a junção das palavras tagarelices e felicidades.

A pesquisadora se surpreendeu e perguntou a João: “João, porque você está chamando o caderno de Caderno das Tagarelicidades”! A criança imediatamente respondeu: “Por que tem muita felicidade, pró”! Logo, o caderno passou a ser Caderno das Tagarelicidades (Figuras 1-3).

Figura 1 – Caderno de campo que foi apresentado inicialmente as crianças

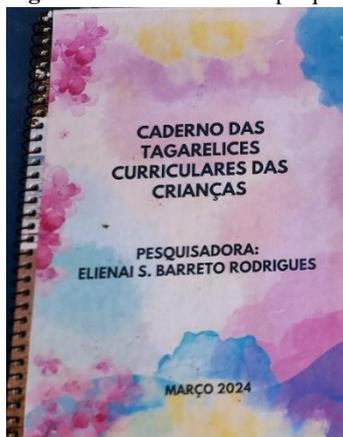


Figura 2 – Crianças modificando a capa do caderno que ganhou novo nome

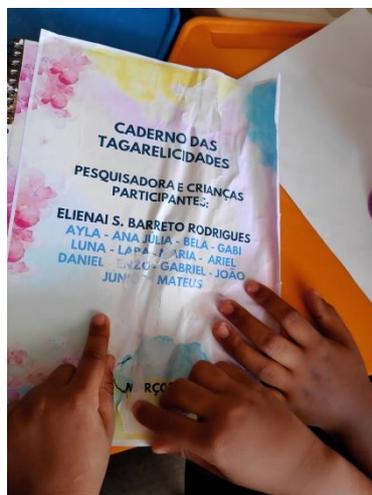
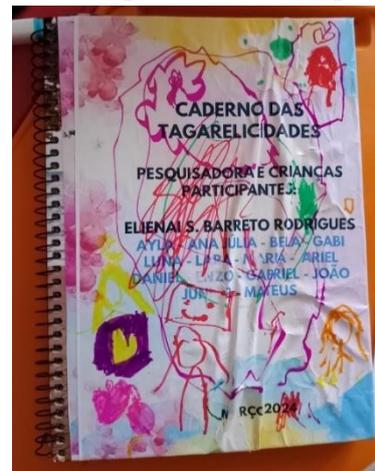


Figura 3 – Colaboração das crianças na arte da capa do caderno de campo



Fontes: acervo da autora.

Foi possível perceber que o caderno de campo, como instrumento de registro escrito, nesta pesquisa, permitiu fortalecer a relação entre as crianças e a pesquisa, as crianças e a pesquisadora, a pesquisadora e as crianças, e a pesquisadora e a pesquisa.

Durante toda a investigação, as crianças tiveram uma atenção especial pelo *Caderno das Tagarelicidades*. Elas pediam para desenhar, escrever e brincar no/com o caderno de campo. Esse movimento ocorreu, às vezes era de forma individual e muitas vezes em dupla, e até de forma coletiva, pois todos tinham interesse em experienciar o *Caderno das Tagarelicidades* (Figuras 4-6).

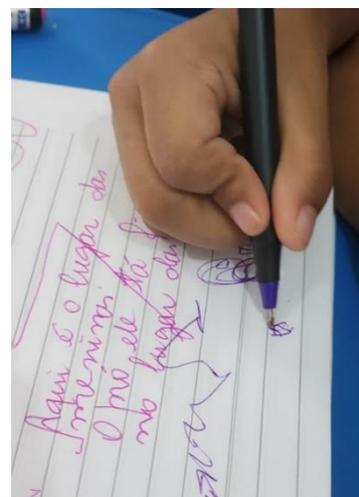
Figura 4 – Caderno de campo que foi apresentado inicialmente às crianças



Figura 5 - Crianças interagindo com o Caderno de Tagarelicidades



Figura 6 – Crianças interagindo com o Caderno de Tagarelicidades



Fontes: acervo da autora.

Também, pelo aparelho celular da pesquisadora, principalmente pela câmera fotográfica e pelo aplicativo de gravador de voz. As crianças expressavam narrativas e faziam brincadeiras com a voz, criando sons e ritmos (Figura 7), e pediam para escutar o que tinham dito (Figura 8). Pediam para ser fotografados, explicavam onde e como queriam ser fotografadas (Figura 9): “Tira uma foto minha, aqui na janela olhando a rua”? (Gabriel 5 anos).

Figura 7 – Criança interagindo com o celular



Figura 8 – Criança interagindo com o gravador de voz



Figura 9 – Fotografia feita na janela da sala de referência a pedido da criança



Fontes: acervo da autora.

Com vista ao respeito e à valorização da criança, o estudo adotou procedimentos éticos para sua proteção e valorização. Para a investigação ser realizada, foi solicitada a autorização via Ofício à Secretaria Municipal de Educação de São Francisco do Conde - SEDUC e à unidade escolar campo da pesquisa. Os Ofícios explicitavam aspectos gerais, tais como temática, objeto, campo, sujeitos, objetivos, metodologia, período, riscos e benefícios.

Conforme preconiza a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012) e na Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016), foi disponibilizado e assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido TCLE pelos pais e responsáveis (Apêndice B).

Nesse sentido, é importante atentarmos ao que defendem Carvalho, Santos e Machado (2022), em suas tecituras com Santos (2017). Para esses autores, a pauta ética na pesquisa com crianças não se vincula apenas às questões burocráticas, mas a três âmbitos:

de normas, de princípios e de relação (Santos, 2017). [...] o primeiro âmbito, o normativo, diz respeito ao cumprimento das regras e obrigatoriedade estabelecidas em cada contexto. Por sua vez o segundo nível se caracteriza pela ética dos princípios e está relacionado à consciência de cada um, aos princípios de cada sujeito e ao modo como cada sujeito interioriza as normas. Já o terceiro nível é o do âmbito das relações do se deixar afetar e responsabilizar-se por esse outro (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 30).

Dessa forma, no contexto burocrático (Carvalho; Santos; Machado, 2022), é importante sinalizar que, no que se refere à participação das crianças, além do TCLE dos pais e ou responsáveis, as próprias crianças deram anuência, através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice C). Todas as crianças que os pais derem consentimento para sua participação aceitaram o convite e assinaram o TALE com o nome fictício (Figura 10), e fizeram um desenho (Figura 11) para lhe representar. Destaco, ainda, que do total de 15 crianças da turma, apenas uma não foi autorizada pelos pais a participar da pesquisa.

Figura 10 – Crianças assinando o nome fictício no TALE

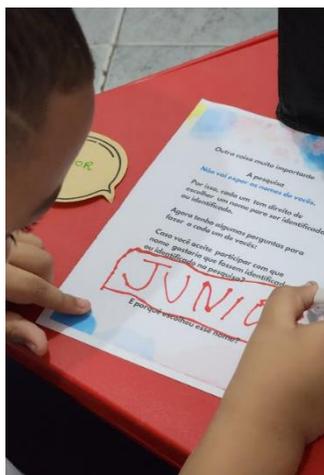
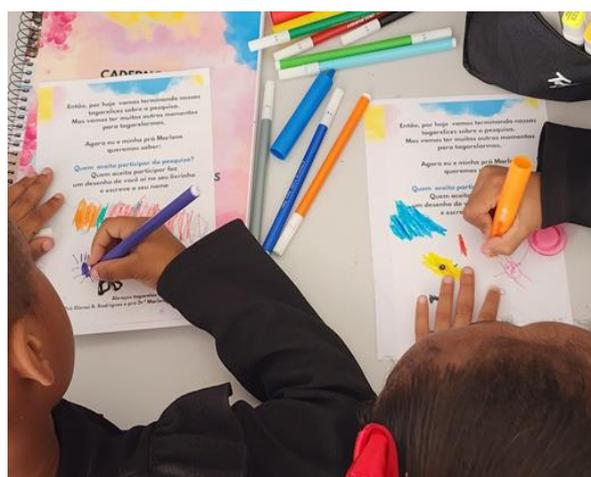


Figura 11 – Crianças desenhando no TALE



Fontes: acervo da autora.

No que se refere ao uso de nome fictício, foi uma decisão em acordo com os pais e ou responsáveis das crianças para preservar seus verdadeiros. Kramer (2002) sinaliza que o uso do nome fictício é um dos meios utilizados pelas pesquisas realizadas com e sobre crianças como protocolo em busca pela segurança e proteção delas.

Uma situação interessante sobre o uso de nome fictício aconteceu com Júnior (5 anos). No dia seguinte após a escolha do nome, Júnior chegou à escola falando: “Olha, agora eu não sou mais [...]. Agora só quero que me chame de Júnior”. É importante destacar que a criança, ao escolher esse nome, justificou sua escolha por ser o nome do amigo preferido. Sinalizar esse fato é importante, pois sabemos que não existe receita na pesquisa com crianças. É no acontecer dos processos que cada curso de pesquisa vai se constituindo singular em todas as dimensões.

Ter a permissão da criança para participar de pesquisa é defendido por Santos (2020) como princípio inegociável, pois como sujeito de direitos, mesmo os pais e ou

responsáveis autorizando sua participação, a criança tem o direito de decidir por participar ou não da pesquisa.

Por isso, a pesquisadora adotou a postura de um olhar atento às várias formas em que as crianças podem expressar vontade e ou resistência em participar da investigação. Nesses termos, assumiu o compromisso ético de estar sensível à criança para acolher e respeitar sua decisão diariamente. Além do TALE, cada criança construiu um colar (Figuras 12-17) e uma pulseira (Figuras 18-20) para serem usados no assentimento diário.

Figura 12 – Criança construindo o colar



Figura 13 - Criança construindo o colar



Figura 14 – Criança construindo o colar



Fontes: acervo da autora.

Figura 15 – Colares construídos pelas crianças para o assentimento diário



Figura 16 – Criança usando o colar



Figura 17 – Criança usando o colar



Fontes: acervo da autora.

Figura 18 – Criança construindo a pulseira para assentimento diário



Figura 19 – Pulseiras construídas pelas crianças



Figura 20 – Criança usando a pulseira



Fontes: acervo da autora.

Além disso, ter o assentimento durante o processo da pesquisa implicou olhar e escutar atentamente a criança para perceber suas linguagens e expressões corporais. Observar gestos, movimentos e expressões das crianças é uma potente estratégia para verificar possíveis manifestações das crianças que denunciem se estão confortáveis ou não para participar da investigação em cada dia. Importa sinalizar que todas as crianças que os pais consentiram a participação aceitaram participar da pesquisa, e que nenhuma delas desistiu da investigação.

4.2 “Ô PRÓ, JÁ VI PESQUISA”! A TRAJETÓRIA TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

“Ô pró, já vi pesquisa. O homi. Ele pega o negócio e fica olhando lá dentro. Eu vi pró, a pesquisa lá na tv de minha vó”. Mateus (5 anos) (Caderno das Tagarelicidades, 25 de março de 2024).

A narrativa acima foi criada por Mateus (5 anos), durante a conversação com as crianças no dia da partilha da pesquisa. A pesquisadora perguntou às crianças: “Vocês já ouviram falar sobre pesquisa? Sabem o que é pesquisar”? Várias crianças explicitaram suas concepções sobre pesquisa: “Pesquisar os bichinhos, pró”! Disse Enzo (5 anos). “Pró, eu sei pesquisar com a tinta”! Falou Gabi (5 anos). “Eu acho que pesquisar é desenhar”, disse Maria (5 anos). “Eu sei pesquisar, pró”! Cada criança, a sua maneira, falava suas concepções sobre o que é pesquisa e pesquisar. A narrativa de Mateus (5 anos) abre esta discussão porque possibilita pensar que no rigor do processo para *ver* a pesquisa.

A interpretação dos dados produzidos pela investigação qualitativa é expressa, em Macedo (2009), como arte fundamentada no rigor hermenêutico. O autor chama atenção que, nessa fase, o pesquisador realiza um mergulho sistemático e intenso no *corpus* de análise para compreender o fenômeno em estudo. Para realizar esse processo, tomou-se como orientação a questão norteadora da investigação.

No que se refere à análise e à interpretação de narrativas, Souza (2014) defende que é preciso compreender que as narrativas são permeadas pelos percursos das experiências e singularidades do sujeito que narra. Para Delory-Momberger (2012, p. 529), analisar os dados narrativos implica considerar as relações que o narrador estabelece entre “o ato de viver”, o “ato de contar” e o texto produzido pela atividade narrativa”.

As análises das narrativas das crianças, na perspectiva de Coêlho e Souza (2019), dialogam com os princípios da Sociologia da Infância e da abordagem (auto)biográfica, pois se voltam para categorias analíticas que são relacionadas às infâncias, relação intra/intergeracional, protagonismo infantil, cultura da infância, cultura de pares, narrativas infantis e às aprendizagens em experiências.

Dialogando com Bertaux (2010), Passeggi *et al.* (2017, p. 112) sinalizam que existe ato narrativo onde há discurso com fragmentos de experiência vivida. Partindo dessa perspectiva, para analisar os dados produzidos pelas narrativas das crianças, optou-se pela interpretação fundamentada em análise temática. Nesses termos, a análise das narrativas foi desenvolvida como atividade de interpretação, situada “[...] no nível de uma meta-interpretação sobre a interpretação que as crianças realizam nas narrativas” (Passeggi *et al.*, 2017, p. 471).

O princípio de análise temática adotado na investigação fundamenta-se em Passeggi *et al.* (2017), que tomam como base analítica as ideias propostas por Poirier, Clapier-Vallandon e Raybaut (1996). Na concepção desses autores, “[...] o tema é uma categoria semântica, objeto do discurso. A análise temática procura metodicamente as unidades de sentido com base no que é dito pelo narrador, com relação aos temas” (Clapier-Vallandon e Raybaut, 1996, p. 215, *apud* Passeggi *et al.*, 2017, p. 472). A análise temática e a escrita interpretativa das narrativas das crianças foram realizadas de modo implicado na ética e no cuidado. A estrutura da análise foi desenvolvida com inspiração em Passeggi *et al.* (2017), em que os temas são buscados de forma sistemática, seguindo procedimento gradual de redução da transcrição como indicado no quadro da página a seguir.

Quadro 1 - Procedimento Gradual de Redução do Texto

TEXTO	1ª REDUÇÃO	2ª REDUÇÃO
Transcrição literal de excertos da Narrativa	Sentenças sintéticas palavras-chave	Palavras-chave

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2014) *apud* Passeggi *et al.* (2017, p. 472).

Para análise das narrativas da pesquisa, foi desenvolvida a adaptação desse procedimento. As palavras-chave foram substituídas pelos sentidos de currículo presentes nas narrativas das crianças. A adaptação realizada está expressa conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 - Procedimento Gradual de Redução e Associação do Texto Narrativo

Texto	1ª Redução	2ª Redução	Associação dos textos narrativos e delimitação final dos sentidos de currículos a serem apresentados.
Transcrição literal de excertos da Narrativa	Sentenças sintéticas, condensação de sentidos de currículo	Revisão e condensação de sentidos de currículo	Associação dos textos narrativos conforme os sentidos de currículo

Fonte: adaptado do modelo de Jovchelovitch e Bauer (2014) *apud* Passeggi *et al.* (2017).

O processo de análise foi realizado da seguinte maneira: primeiramente, foram realizadas as transcrições na íntegra das narrativas das crianças que se constituem textualmente em passagens inteiras e ou parágrafos. No que se refere às leituras das narrativas, a princípio foram realizadas sem o fim de perceber categorias recorrentes; em seguida, foram realizadas leituras para possibilitar identificar categorias recorrentes e ou com aproximação de sentidos de currículo.

As sentenças sintéticas de sentidos de currículos surgiram na medida em que foram sendo encontrados nos textos transcritos, na 1ª (primeira) coluna, temas/sentidos de currículos semelhantes. A partir das sentenças sintéticas identificadas e condensadas, foi realizada, na 2ª (segunda) coluna, a 1ª (primeira redução) dos temas/sentidos de currículos; das 735 narrativas, foram reduzidos 64 sentidos de currículo. Em seguida, na 3ª (terceira) coluna, foi realizada a segunda condensação de sentidos de currículos expressos nas narrativas das crianças, sendo selecionados, nessa redução, 48 sentidos de currículo. Por fim, na 4ª (quarta) coluna, foram associados/selecionados os textos narrativos que apontaram e definiram os 13 sentidos de currículos que são apresentados e discutidos no PI e que direcionam a organização desta PTT.

5 FORMAÇÃO DOCENTE: DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO DE FORMAR-SE COM AS CRIANÇAS EM ESCUTA DE SUAS VOZES

Para pensar e propor a formação de professoras da EI que tem como eixo central a escuta das vozes das crianças, é interessante entender os caminhos percorridos pela docência nesse segmento da Educação Básica (EB). O estudo de Moro e Nunes (2019, p. 11) sobre EI, práticas educativas e formação de professor, destaca que as articulações para formação docente perpassam considerar a identidade do professor e como ele se coloca no mundo e “[...] na forma em que se insere na arena de disputa dos sentidos do conhecimento e nas relações que constrói com as crianças”.

O estudo de Santos (2017) ressalta que, no contexto histórico brasileiro, a ação da professora de EI iniciou vinculada à concepção assistencialista, cujos objetivos principais giravam em torno do cuidado e da socialização da criança. No contexto dessas reflexões, Cruz e Scharamm (2019) realçam que a pedagogia tem assumido, na sociedade, o papel de colaborar com o processo de civilização do adulto. As autoras afirmam que a prática pedagógica para a infância tem sido referenciada principalmente às intenções e prescrições adultocêntricas da sociedade.

Nessa perspectiva, tanto a formação inicial quanto a formação continuada da/na EI, fundamentada apenas nas perspectivas do adulto, não estimulam a escuta efetiva da criança. Mesmo com a ampliação dos debates sobre os direitos da criança à escuta e a participação (Brasil, 2016), as práticas curriculares na pré-escola ainda têm se mantido presas às tradições unilaterais, deixando as crianças à margem desse processo.

Para endossar essa reflexão, parece interessante convocar Kohan (2011, p. 181) e suas narrativas filosóficas sobre a “Infância de um ensinar e aprender”. Ao visitar a etimologia de ensinar, o autor afirma que esse termo é originário do latim, e “compartilha uma certa ideia análoga a ‘educar’: a de brindar algo a alguém que não o possui. ‘Ensinar’ vem de *insignare*, textualmente ‘colocar um signo’, ‘colocar um exemplo’ (Kohan, 2011, p. 185). Kohan (2011, p. 185) afirma que “‘Ensinar’ faz parte de um grupo de palavras da mesma família semântica de ‘educar’, junto a outros termos como ‘instruir’ ou ‘formar’”.

O autor demonstra que, por muito tempo, acreditou-se em uma perspectiva filosófica de ensinar que era sustentada na transmissão de conhecimento. Nessa lógica, “o ensinar tem a ver com o explicar” (Kohan, 2011, p. 188). Segundo o autor, o explicador entra no cenário para aproximar a distância entre quem aprende e o objeto a aprender,

mas na verdade, o ensino pela explicação separou ainda mais quem aprende do objeto de conhecimento. Nessa conjuntura, “a explicação é a ‘arte da distância’ entre o aprendiz e a matéria a aprender, entre o aprender e o compreender [...]” (Kohan, 2011, p. 188). A explicação coloca um saber subordinado ao outro, provocando superioridade e inferioridade das inteligências. Se constitui em autoritarismo, o explicador é o único que sabe e desconsidera a compreensão do outro, que é visto como se fosse incapaz de compreender por si mesmo (Kohan, 2011).

Diante dessas reflexões, a proposta de formação continuada apresentada nesta PTT dialoga com a responsabilidade que nos move enquanto professoras da EI, enfatizada por Kramer (2013b), com Santos (2017), por defender a docência como relacional e interpretativa, e com a formação em contexto de Oliveira-Formosinho (2016). Para a autora, “A formação em contexto começa, portanto, na desconstrução do modo tradicional de fazer pedagogia da infância” (Oliveira-Formosinho, 2016, p. 87-88).

Para Sá (2024, p. 28), “a relação entre currículo e formação é tratada a partir do questionamento sobre a posição dos ‘sujeitos do currículo’ [...]”. Na especificidade dessa PTT, trata-se de considerar a importância da posição das crianças e das professoras nos processos formacionais de ambas e nas ações curriculares cotidianas da EI.

As crianças, durante a pesquisa, elucidaram que elas têm se posicionado como crianças que criam, experienciam estratégias formativas e anunciam sentidos de currículos nos espaços e cotidianos da pré-escola. Pensar no lugar em que a criança se coloca no currículo convida a prática curricular cotidiana a uma postura de escuta, reflexões e ressignificações das experiências formativas que possibilitamos e elas nos espaços da pré-escola.

Entende-se que a formação inicial de professoras da EI tem grande peso na constituição formativa e nas concepções que as professoras elaboram sobre criança, EI, currículo, e conseqüentemente, reverberam nas ações praticadas cotidianamente.

Importa sinalizar que a formação inicial não define a professora da EI. A formação está em constante atualização e se constitui nos percursos e trajetórias que se constrói ao longo de histórias de vida de professores (Nóvoa, 2013). Ao se referir ao processo de formação, Sá (2024), em tecituras com Sá (2020), pontua que “a formação, processo que nos constitui, pode ser vista como o próprio movimento de ser no mundo. [...] O mundo da formação é um mundo de referências, todas elas atuando como possibilidades de atualização e com isso, de constituição de experiências formativas” (Sá, 2024, p. 52). Nesses termos, situar a formação de professoras da pré-escola na perspectiva da escuta

das tagarelices curriculares das crianças pode ser considerada uma possibilidade em eminência.

Destaca-se que, no PPGCLIP-MPED-UFBA, a pesquisa perpassa “[...] a etapa do encontro de partilha das ideias iniciais da pesquisa com a comunidade escolar, que direciona as articulações do projeto de pesquisa interventiva” (Rodrigues; Santos, 2024, p. 85). Nesse encontro, as professoras sinalizaram a importância de processos de formação para a escuta da criança no currículo da EI. Somando a essa sinalização das professoras o ato político de escutar a criança, que envolveu a realização da investigação e o anseio por reverberar as vozes das crianças, considera-se que a forma mais potente para fazer ecoar suas vozes entre o coletivo das profissionais do campo da investigação é através de processos de formação continuada.

6 AÇÃO INTERVENTIVA: “PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA”! CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diante de todas as discussões e reflexões tecidas neste PI, referentes ao resultado da investigação sobre o objeto do estudo *os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças*, decidiu-se criar a Produção PTT nomeada “*PRÓ TÁ TODO MUNDO NA JANELA*”! *Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta das crianças no Currículo da Educação Infantil*.

Tecida a partir dos resultados da pesquisa, esta PTT dialoga com a Orientação nº 1/2023, atualizada em 24 de setembro de 2024 (UFBA, 2024a; 2024b). É uma proposta de formação continuada que tem a escuta da criança como eixo estruturante. Logo, é entretecida a partir das crianças e dos sentidos de currículos presentes em suas tagarelices que foram evidenciados durante a realização do estudo.

Desse modo, esta PTT será apresentada à pré-escola campo da pesquisa para a escuta, reflexão e valorização das criações curriculares elaboradas e apresentadas pelas crianças nas suas tagarelices cotidianas. Ela reitera a formação das professoras da EI do campo da pesquisa na perspectiva de formação e responsabilidade (Kramer, 2013b) que move a professora pesquisadora. De acordo com as orientações do PPGCLIP-MPED-UFBA, esta proposta interventiva não tem caráter prescritivo, não é considerada pronta e acabada. Ela busca instaurar, no campo da pesquisa, com ética e respeito, processos horizontais de diálogos que possam estimular reflexões, atualizações, inovações de práticas, projetos, processos e relações (UFBA, 2024a).

Sendo assim, para além de compartilhar os resultados da investigação, busca possibilitar um movimento formacional que sensibilize as professoras, auxiliares de turma, profissionais de apoio escolar, a coordenação pedagógica e as gestoras a olharem e escutarem as crianças, significando-as e valorizando-as como sujeitos do currículo que criam, vivenciam e expressam, nas suas tagarelices, pautas curriculares a serem acolhidas e reverberadas nas ações formativas cotidianas desse espaço de EI.

Acredita-se que esse processo formacional possa instigar as profissionais do campo da pesquisa a perceberem o lugar em que as práticas curriculares cotidianas têm colocado as crianças e o lugar em que as crianças se colocam no currículo praticado com elas no cotidiano.

À vista disso, esta PTT apresenta, como **objetivo geral**, inovar na formação continuada das professoras da EI, tendo a escuta da criança como eixos estruturantes do processo formacional. Com esse propósito, delineiam-se, como **objetivos específicos**: a) Instigar discussões e reflexões sobre a escuta da criança enquanto ato formacional; b) Sensibilizar para perceber que na relação escuta-interpretação-ecos dos sentidos de currículos anunciados pelas crianças no cotidiano pode-se estabelecer um potente movimento formacional, tanto para a criança quanto para a professora; c) Estimular a percepção e compreensão da criança criadora de currículos; d) Repensar o lugar que tem sido reservado às crianças e suas criações curriculares nas ações curriculares cotidianas e na formação das professoras da EI; e e) Sensibilizar para atualização de práticas curriculares que tenham a criança e a sua voz na centralidade.

Os encontros da formação continuada em proposição são nomeados **Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança no currículo da Educação Infantil**. Eles são inspirados na teoria-ação curricular formacional apresentada por Macedo (2016, p. 17), que “[...] se configura num conjunto sistematizado de argumentos e conceitos que trazem consigo a potência da compreensão que visa a altera-ação, ação-como-outro”. Nesses termos, compreende-se que esses encontros formacionais podem possibilitar [...] conversações curriculares (in)tensas e complexas em nível de valorização do que seria um currículo de possibilidades formativas, dado que o formativo implica em (in)tensa valorização e em conquista de qualificação (Macedo, 2016, p. 18).

Nessa perspectiva, o foco das conversações curriculares desta PTT está na valorização da criança e de suas vozes enquanto praticantes de currículos, atrelada à valorização das professoras em sua função político-pedagógica de ampliar as experiências curriculares apresentadas pelas crianças.

A escolha pelos Círculos Curriculares Formacionais ocorreu por acreditar que, nesse movimento, pode existir/construir uma energia de afeto, acolhimento e respeito mútuo que possibilita olhar, escutar, acolher o outro crianças e professoras, em processo de coletividade e circularidade sem hierarquização, possibilitando que a produção do conhecimento se expanda, renove e inove nas ações cotidianas.

Consequentemente, a formação continuada proposta é compreendida como movimento curricular formacional entre crianças e professoras em processos de escuta e criações curriculares. Conforme Macedo (2016, p. 29), o processo curricular formacional configura-se em experiências e experimentações, em que “[...]a teoria nasce da relação profunda com a ação e a experiência construída na ação, e que recursivamente as nutre”.

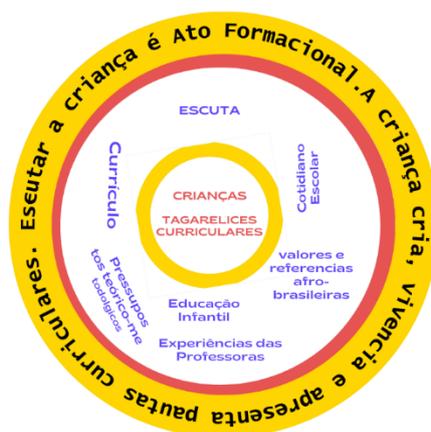
Diante disso, a formação continuada aqui em anúncio é um processo que acontece considerando crianças e professoras partes interessada nas questões formativas da EI.

Organizada em caráter presencial, será desenvolvida pela pesquisadora na pré-escola campo da investigação. Terá carga horária aproximada de 45h (quarenta e cinco horas) distribuídas em 16 (dezesseis) encontros de 2h30 (duas horas e meia). Destaca-se que, no processo da partilha da pesquisa, ficou pré-estabelecida a possibilidade de a ação interventiva da pesquisa acontecer em processos formativos e adequando-se ao contexto e à agenda do planejamento mensal das professoras.

A carga horária proposta busca se adequar ao calendário de encontro de planejamento mensal da escola. A proposição é que, durante o encontro mensal de planejamento, a escola tenha possibilidade de organizar esses encontros assegurando 2h30 para o desenvolvimento dos Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta das crianças no currículo da EI. Certamente, para melhor se adequar à demanda da organização da escola, a formação proposta poderá ser desenvolvida no turno matutino ou no vespertino. Ainda para assegurar a efetivação dessa ação interventiva, se for necessário, a carga horária poderá ser alterada para se ajustar ao tempo disponibilizado pela escola para a realização do processo de formação.

Por fim, acredita-se que esse movimento formacional poderá suscitar interlocuções e discussões, tecendo as tagarelices curriculares das crianças, as experiências das professoras, e com pressupostos teóricos que sustentam as discussões apresentadas na investigação envolvendo aspectos conceituais sobre: Crianças - Escuta - EI - Formação de professoras da EI - Experiências e práticas curriculares das professoras da EI - Currículo - Cotidiano Escolar - Referências e valores afro-brasileiros (Figura 21).

Figura 21 - Organograma dos Círculos Curriculares Formacionais
Círculos Curriculares Formacionais



Fonte: elaborada pela autora.

Nesse ínterim, a formação proposta dialoga com a formação em contexto defendida por Oliveira-Formosinho (2016, p. 87-88): “a formação em contexto começa, portanto, na desconstrução do modo tradicional de fazer pedagogia da infância.”. Também é alicerçada pela concepção da docência interpretativa-relacional concebida por Santos (2021a; 2024), e aporta-se no “Ensinar exige saber escutar” preconizado por (Freire, 2022, p. 110).

Nesses termos, a escuta da criança, sua valorização como praticantes do currículo, o distanciamento do processo formativo unilateral e a construção dos processos formacionais estabelecidos entre crianças e professoras a partir da escuta das crianças são as principais marcas da ação interventiva proposta ao campo da investigação.

Para o desenvolvimento da formação continuada em proposição, adotam-se dois princípios: o primeiro, **A criança cria, vivencia e apresenta pautas curriculares nos espaços da Educação Infantil**; o segundo princípio, **Escutar as crianças é ato formacional**.

6.1 PRIMEIRO PRINCÍPIO: A CRIANÇA, AO TAGARELAR, CRIA, VIVENCIA E APRESENTA PAUTAS CURRICULARES NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A investigação mostra que as crianças, em seus processos tagarelas, cotidianamente criam, vivenciam, apresentam pautas curriculares e assumem o lugar de criança criadora de currículos. Os movimentos criativos e curriculares das crianças expressos em suas tagarelices representam uma busca constante em investigar sua realidade para ampliar compreensões, relações e significações do mundo que as envolve.

As crianças sinalizaram que elas tagarelam currículos contrapondo o silenciamento de suas vozes e o controle de seus corpos impostos pelo currículo da prescrição (Goodson, 2007). O currículo prescritivo, na EI, alimenta práticas curriculares com foco na aprendizagem da leitura, escrita e aprender a contar de forma mecânica, e valoriza a memorização, a repetição e o treino, desconsiderando as singularidades da corporeidade das crianças.

A investigação confirma que as crianças, ao tagarelarem sentidos de currículos, expressam demandas formativas para serem escutadas e buscam provocar que o acontecer curricular cotidiano seja afetado pelas investigações, elaborações, concepções e indagações que emergem de suas experiências em interação com os conhecimentos.

As crianças mostraram, na investigação, que suas criações curriculares são matizadas pelas referências constituídas nos espaços de convivências sociais nos quais estão inseridas. Suas famílias, comunidade, cidade, escola, demais grupos sociais que elas participam, o mundo natural, o mundo real e os aspectos históricos, culturais, econômicos, religiosos, políticos, humanitários, estéticos, éticos, étnicos, emocionais, tecnológicos, artísticos, geracionais, de gênero, sexualidade, saúde, segurança e qualidade de vida trazem repertórios para as criações curriculares das crianças, que são expressos no ambiente da pré-escola em tagarelices nas mais diferentes linguagens.

Entender que **A criança, ao tagarelar, cria, vivencia e apresenta pautas curriculares nos espaços da educação infantil** é um princípio basilar para escutar as crianças nas questões curriculares. Esse princípio é fundamentado na concepção de criança *curriculante* (Macedo, 2013a), escuta de criança (Santos, 2022; Malaguzzi, 2016a), nas linguagens e culturas infantis (Edwards; Gandini; Forman, 2016a; 2016b; Friedmann, 2013; Sarmiento, 2004), no direito da criança a falar e ser escutada sobre tudo que a envolve e lhe diz respeito (Brasil, 2016), e no direito à participação da criança na conversação (Pinar, 2016) sobre currículo.

As crianças, imersas em seus processos formativos, elaboram explicações, criam concepções e compartilham estratégias formuladas por elas para interagir e desvendar os conhecimentos. Nesses processos de criações curriculares, elas buscam ser escutadas, acolhidas e consideradas. É importante anunciar que ficou evidente, na pesquisa, que se a escuta e valorização que as crianças buscam ao tagarelar, não as alcançam, elas não se intimidam e seguem experienciando, criando concepções curriculares e tagarelando sobre elas.

Nesse ínterim, importa destacar que, se as crianças são escutadas e desafiadas em suas formulações e concepções, elas alargam as possibilidades de aprendizagem. Exatamente nesse ponto importa compreender que as crianças são ativas nas elaborações curriculares, a fim de que, a partir da observação e da escuta da criança, a prática curricular cotidiana reverbere suas formulações e curiosidades e as estimule a expandir seus processos de experienciar, investigar e aprender.

Assim, conforme Silva (2017, p. 21), “as professoras e professores de todas as épocas e lugares sempre estiveram envolvidos de uma forma ou de outra com o currículo [...]”. Digo que as crianças da EI de todas as épocas e lugares, ao acessarem o espaço escolar, seja da creche e ou pré-escola, sempre se mostram praticantes do currículo. No

entanto, a criança pensante-falante-praticante de currículo ainda vem sendo negada, invisibilizada, marginalizada e silenciada.

Desse modo, esse princípio, nos Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta das crianças no currículo da EI, visa a sensibilizar as professoras e demais profissionais público-alvo desta formação a compreenderem que, nas tagarelices das crianças, existem criações, interesses e anseios por vivenciarem experiências que lhes possibilitem acessar e ou ampliar a construção de determinados conhecimentos que têm despertado sua atenção.

Vendo por essa perspectiva, os resultados da pesquisa mostram que existe uma relação direta entre as tagarelices das crianças e ato de interagir, conhecer, investigar, experienciar, testar e compreender o mundo. Dessa forma, compreender que nas tagarelices das crianças existem produções curriculares e atentar para elas pode aproximar a prática curricular das crianças e dos seus mundos. Logo, abrem-se fecundas oportunidades para conhecer o currículo que elas tagarelam cotidianamente.

Ao tagarelar nos espaços da EI, as crianças anunciam currículos, criam formas para discordar, concordar, reivindicar, expor suas experiências, necessidades, preferências, impressões, vivências, medos, opiniões, interesses, vontade própria, persistências e transgressões. Elas criam pautas curriculares que falam sobre si, seus corpos, suas potencialidades e limitações; expressam afetos, cuidado consigo, com os outros, com os espaços e com o ambiente natural. Suas criações curriculares falam sobre o mundo, os tempos, os espaços e a interatividade da vida local e planetária. Os sentidos de currículos anunciados pelas crianças revelam seu lugar de pertencimento, outros lugares, cidades, povos e culturas.

As pautas curriculares e tagarelas das crianças anunciam conhecimentos, afetos, respeito e curiosidades referentes à natureza, seus elementos, aos *pets* e os fenômenos naturais.

Nas tagarelices curriculares, as crianças evidenciam a importância da alimentação, suas cores, cheiros e sabores, mas também falam sobre a falta dela e sobre a fome. Em suas tagarelices, expressam conhecimentos sobre saúde, doenças, violência urbana, morte, tristeza e luto. As pautas curriculares presentes nas tagarelices das crianças evidenciam silêncios, afetos, carinho, cuidados, desejos, fantasias, imaginação, aventuras; também medos, maus-tratos, desprezos, abandono, falta de cuidado, e nesse contexto, tagarelam sobre garantia e negação de direitos.

Em suas tagarelices curriculares, elas elaboram sequências de ideias, sequências numéricas, fazem ordenamentos numéricos, comparações, classificações e seriações. Expressam localizações, critérios de identificação e associações diversas. Ao tagarelar, as crianças criam currículo ao inventar jogos, brinquedos, brincadeiras, criar músicas, histórias, gestos, movimentos corporais e repouso. Em tagarelices curriculares, as crianças geram ritmos, sons e silêncios.

Na medida em que tagarelam, abordam conhecimentos e criam pautas curriculares sobre o mundo científico e tecnológico. Nas tagarelices curriculares das crianças estão presentes os dispositivos digitais móveis, os games, os *apps*, os jogos eletrônicos, brinquedos estruturados e não estruturados, brincadeiras inventadas, tradicionais e contemporâneas. Nas suas criações curriculares tem músicas, danças, histórias infantis, contos populares, teatro e futebol. Também há credices populares, as lendas, as mágicas, os mitos, as festas populares, as celebrações, os preceitos, a religiosidade, acolhimento, inclusão, e preconceitos também.

Marcam presença, nas tagarelices curriculares das crianças, as vivências de preconceitos, discriminações e silenciamentos presentes nos contextos das relações étnico-raciais na sociedade, na família e na escola. Quando tagarelam, as crianças criam sentidos de currículo relacionais e reconhecem acertos e erros nas relações com os outros. Em tagarelices, as crianças se unem e ou se afastam, pedem desculpa ou se negam a pedirlas.

Nas criações curriculares das crianças encontram-se amizades, respeito, afetos, trocas, promessas, disputas diversas, desentendimentos, brigas, acordos e reconciliações. Há sorrisos largos e falta de sorrisos. Existem silêncios, buchichos, correria e gritaria. Vemos, nas pautas curriculares das crianças em tagarelices, olhares atentos, curiosos, brilhantes e investigativos, mas também nos deparamos com olhinhos distantes, tristes, que lacrimejam e choram baixinho. Nas suas pautas tagarelas e curriculares, elas se juntam e seguem sendo crianças, tagarelando e aprendendo a ser e a conviver com as outras crianças e com os adultos.

Diante de todos esses resultados evidenciados na investigação, defende-se o primeiro princípio, *A criança ao tagarelar cria, vivencia e apresenta pautas curriculares nos espaços da educação infantil*, que direciona a formação continuada em preposição. Acredita-se que, na formação continuada desenvolvida a partir desse princípio, existe uma possibilidade em estimular a escuta das crianças, e quiçá, suas vozes possam ecoar nas ações curriculares cotidianas.

6.2 SEGUNDO PRINCÍPIO: ESCUTAR A CRIANÇA É ATO FORMACIONAL

Os resultados da investigação mostram que as crianças, para além de elaborar estratégias, experienciar, questionar, investigar e criar pautas curriculares buscando orientações sobre seu objeto de interesse por conhecer, elas criam concepções e tiram suas próprias conclusões, com ou sem orientações solicitadas às professoras. Nessa perspectiva, entendemos a importância de escutar as tagarelices das crianças e de compreender que elas sinalizam ricas possibilidades curriculares que nascem da sua curiosidade e ação investigativa sobre seu objeto de conhecimento.

A pesquisa, ao escutar as crianças no cotidiano da pré-escola e perceber os sentidos de currículos presentes em suas tagarelices, verificou que as crianças concebem lógicas próprias para significar o mundo, interagir e anunciar os conhecimentos em investigação. As lógicas que tecem as concepções e formulações curriculares das crianças sobre seus objetos de conhecimento geralmente se distanciam das estratégias curriculares alicerçadas nas tradições prescritivas do ensinar e aprender que ainda se estabelecem na EI. As lógicas curriculares das crianças são lúdicas, dinâmicas, fluídas, implicadas em ser criança e viver a infância. Portanto, são lógicas de crianças que buscam aprender como crianças, tagarelando em linguagens diversas. As lógicas curriculares da tradição que ainda se perpetuam na EI são regidas pelo fazer curricular, em que a professora ensina e o aluno aprende. Ser professora e ser aluna/o, eis a questão do currículo e da prática da prescrição na EI! Nessa lógica, de acordo com Barbosa (2009, p. 27),

Para ser aluno, na concepção que tem sido hegemônica nas práticas escolares, a criança precisa negar seu corpo, cuja multidimensionalidade precisa ser esquecida, ou propositadamente controlada. É como se fosse possível negar a presença viva, real e autêntica das crianças [que vivem através de pensamentos-palavras-corporeidade] e das interações sociais por elas estabelecidas. É mais do que evidente que essa visão de criança aluno torna-se inadequada na sociedade contemporânea. O papel de aluno também inclui um modo de se relacionar com o conhecimento e a aprendizagem. Geralmente o estereótipo de aluno, produzido há duzentos anos atrás, afirma que para aprender a atenção das crianças precisa estar focada – a criança imóvel em seu lugar e em silêncio.

Contudo, a pesquisa mostra que a lógica dos sentidos de currículos apresentada pelas tagarelices das crianças é lógica de crianças, que não dialoga com a lógica de ser aluno da EI tradicional. Na lógica da criança há tagarelices, barulhos, brincadeiras, experimentações, criações, surpresas, risos, choros, silêncios, ludicidade, investigações, criatividade, invenções, excitações, engajamentos, prazer e movimentos, muitos movimentos.

Logo, o princípio da Escuta é ato formacional para a proposta da formação continuada em proposição, e começa por ressignificar a concepção de criança de passiva para ativa, criativa, inventiva, falante. Da criança que “precisa” escutar e aprender o que decidem ser ensinado para ela para a criança “[que estão prontas para nos ajudar, oferecendo-nos ideias, sugestões, problemas, dúvidas, indicadores e trilhas a seguir: e quanto mais confiam em nós e nos veem como fontes de recursos, mais nos auxiliam” (Malaguzzi, 2016a, p. 95). A partir dessa compreensão, pode-se entender que escutar a criança é ato formacional.

Certamente, podemos nos formar, no cotidiano da EI, nas relações que estabelecemos nos encontros com as crianças. Na escuta de suas vozes e nas relações efetivas que estabelecemos com elas, podemos aprender a ser professoras da EI para as crianças e para suas demandas da atualidade. Nesta PTT, concebe-se que escutar as crianças como ato formacional é um movimento necessário e possível para se desprender das amarras e imposições da tradição docente e curricular.

O princípio *A Escuta da Criança é Ato Formacional* ancora-se em Santos (2021a; 2024) e sua defesa pela docência interpretativa-relacional, no “Ensinar exige saber escutar” preconizado por (Freire, 2022, p. 110) e nas ideias de Malaguzzi (2016a). Dentre elas, valorizar e compreender que “as crianças têm cem linguagens” Malaguzzi (2016a, p. 5), crianças e professores podem decidir, juntos, seus temas de interesses para explorar. As crianças desejam constantemente explorar o mundo em sua volta, elas valorizam as experiências que surgem de suas indicações e ou produções, a valorização da expressão imaginativa e criativa da criança. As criações das crianças enriquecem a relação entre criança, professora, experiências e aprendizagens.

A partir desses pressupostos teóricos ao interligar as crianças e suas tagarelices curriculares à docência interpretativa-relacional (Santos (2021a; 2024), ao ato de saber escutar, indispensável ao ensinar (Freire, 2022), e a valorização das experiências e a escuta das linguagens das crianças expressas por Malaguzzi (2016a), pode -se afirmar que, nos contextos das práticas e da formação cotidiana, escutar as crianças na EI possibilita um processo formacional em encontro com as crianças, seus saberes, fazeres e seus mundos.

A escuta da criança é, portanto, ato formacional por ser uma estratégia que conduz a professora a observar, perceber, compreender as crianças em suas experiências aprendentes, movidas pelas interações, curiosidades, investigações e descobertas. Esse movimento relacional que perpassa a escuta, a atenção, a observação e compreensão,

consequentemente passa pela interpretação dos processos de experiências das crianças e das ações curriculares, e reverbera um processo formacional COM a criança.

Escutar afetivamente e intencionalmente as crianças exige disposição para mergulhar no universo infantil, compreender e dialogar com suas culturas e linguagens. Isso se constitui em processo formacional experiencial com as crianças. A professora da EI, ao se encontrar com as crianças, escutar suas tagarelices e conhecer as culturas e as linguagens do seu mundo, possivelmente será atraída a ressignificar suas ações curriculares cotidianas.

Nessa lógica, escutar as crianças pode desafiar as professoras da EI a saírem da zona da prescrição curricular para inovar em estratégias curriculares que dialoguem com os mundos das crianças. O mundo do brincar, do criar, do interagir, do imaginar, da autonomia, da liberdade e do protagonismo infantil. O mundo dos gestos, movimentos, dos sonhos e encantamentos. Também do medo, das surpresas, diversão e transgressão. O mundo das histórias, das confabulações, da fantasia, da imaginação. O mundo dos afetos, das sensações e da ludicidade. O mundo dos jogos, competições, curiosidades, tagarelices e invenções.

Acredita-se que escutar as crianças e adentrar seus mundos coloca as professoras da EI diante de novas demandas formativas e, consequentemente, estimula processos de estudos, pesquisas, reflexões e teorização das próprias práticas. Esses processos formativos naturalmente instigam a novas percepções e elaborações curriculares.

Diante disso, escutar as crianças é ato formacional, pois as professoras estabelecem uma esteira de relações, interpretações e criações que possivelmente transforma e qualifica cada vez mais a prática pedagógica e curricular. Aprender a escutar as crianças, desde bebês, é uma ação formacional indispensável à docência na EI que busca conhecer e valorizar as crianças.

Desse modo, compreender a escuta da criança como ato formacional é compreender, como afirma Santos (2024), que as crianças, desde bebês, apontam caminhos para a docência e para o currículo da/na EI. As crianças, ao tagarelarem, anunciam que estabelecem relações entre o brincar e aprender, o querer e o não querer, o saber e o não saber, o fazer, o não fazer e o não querer fazer, o agora e o depois, o aqui, o ali, o lá e o acolá, o ir, o vir ou deixar de ir e deixar de vir, o falar e o silenciar, o hoje, o amanhã e o depois. Também o medo e a coragem, o ganhar e o perder, dar, receber e doar, gostar e não gostar. Ainda, o eu, o outro, nós e os outros, a saúde e a doença, a vida

e a morte, o ter, o não ter, o querer ter e o não poder ter, o sim, o não e o talvez, e o poder e o não poder.

As tagarelices das crianças evidenciam suas experiências e significações sobre ser bebês e ser crianças, ser criança e ser adulto, ser adolescentes, jovens e idosos. Expressam significações sobre gêneros, gerações e sexualidade, sobre o som e o silêncio, sobre o certo e o errado, sobre o bem e o mal. Em tagarelices, elas falam sobre se alimentar e sentir fome, sobre sua potência e as limitações do seu fazer. Sinalizam atitudes que as alcançam na esfera de cuidados, carinhos e maus tratos. Tagarelam sobre o que é mentira, o que é verdade, sobre seus sonhos, desejos, direitos e a negação dos seus direitos.

Entre tantas outras relações e sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças e diante da riqueza e da fluidez das suas tagarelices curriculares observadas durante a pesquisa, é possível afirmar que as tagarelices das crianças são fantásticos e surpreendentes nascedouros de currículos que estão presentes e marcam presença em todo o tempo da criança nos espaços da pré-escola.

Portanto, por acreditar na potência formativa que envolve o ato de escutar as crianças é que se estrutura a PTT com vistas à formação continuada, em que a partir da escuta das vozes das crianças, possivelmente as professoras sejam desafiadas pelas crianças a reflexões, ressignificações de conceitos, tais como crianças, currículo, EI, ensinar, aprender, e conseqüentemente, inovar, formando-se no cotidiano escutando as crianças, criando estratégias para reverberar suas vozes no dia a dia e nas ações curriculares da EI.

6.3 CÍRCULOS CURRICULARES FORMACIONAIS SOBRE A ESCUTA DAS CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO

Os Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança no currículo da EI, como já sinalizado, são organizados para compartilhar os resultados da investigação, e principalmente para, a partir desses resultados, sensibilizar as professoras e demais profissionais da pré-escola campo da pesquisa a escutarem e ou ampliarem os processos de escuta da criança e reverberarem suas vozes nas ações curriculares cotidianas.

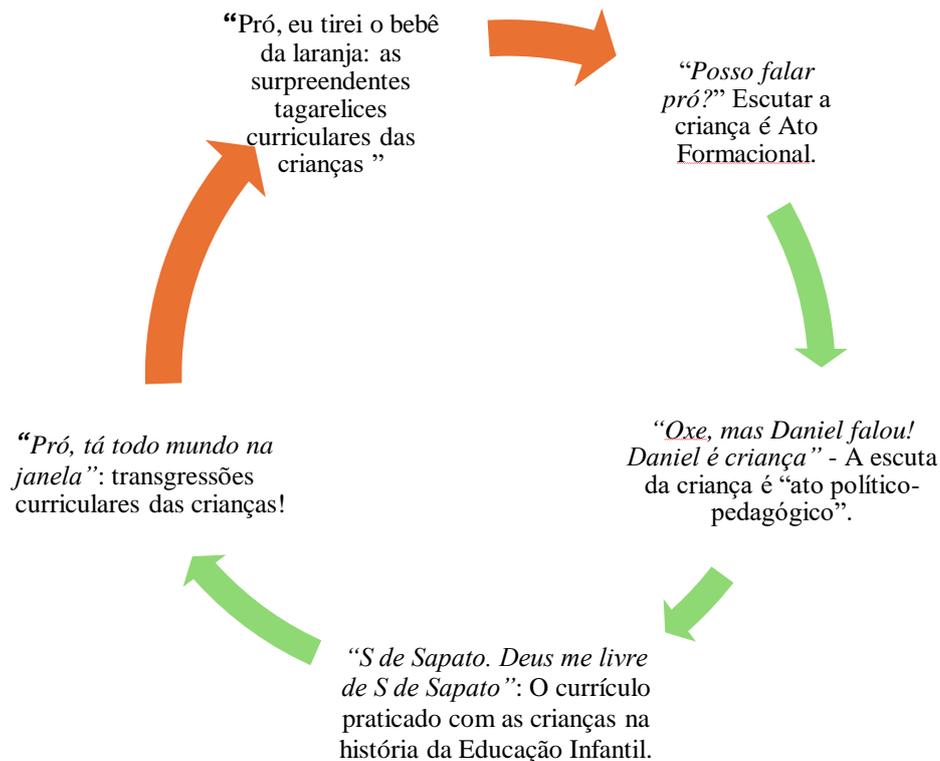
Os Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança no currículo da EI visam a sensibilizar e estimular as professoras a escutarem as crianças no cotidiano considerando as variadas maneiras que elas utilizam para se expressar. Por isso, possivelmente será agregado, ao processo de formação continuada, o elemento *Caderno*

das Tagarelices. No primeiro encontro será discutido com as participantes sobre esse instrumento, e caso seja acordado, ele servirá para registro de tagarelices curriculares que as professoras escutam no cotidiano em suas turmas. Nos encontros, as professoras que desejarem poderão compartilhar, com o grupo, tagarelices curriculares que escutaram das crianças. Ao final do período da formação continuada, esse elemento pode representar um documento/portfólio dos registros das Tagarelices Curriculares das turmas de cada professora.

Os Círculos Curriculares Formacionais estão organizados em três ciclos: Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo I, Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo II, e Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo III. Em cada um desses ciclos serão desenvolvidos os Círculos Curriculares Formacionais. A proposição da formação continuada em Ciclos justifica-se para melhor adequação do processo formacional ao calendário letivo da escola, a fim de que a referida formação tenha uma organização temporal que inicie e termine acompanhando o curso semestral do ano letivo.

No Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo I serão realizados 5 (Cinco) Círculos Curriculares Formacionais (Figura 22), cujas conversações serão enredadas a partir das tagarelices das crianças, entrelaçando-as com os dois princípios que fundamentam a formação em proposição: o princípio **A criança cria, vivencia e apresenta pautas curriculares nos espaços da Educação Infantil** (Macedo, 2013a), e o princípio **Escutar as crianças é ato formacional**. A partir dessa perspectiva, serão apresentadas as composições e transgressões curriculares das tagarelices das crianças perpassando a reflexão sobre a escuta *Ato Político-Pedagógico* (Freire, 2022; Santos, 2022), e sobre os direitos da criança a falar e a ser escutada sobre tudo que lhe diz respeito (Brasil, 2016). Ainda serão desenvolvidos diálogos sobre o currículo (Goodson 2007; Pinar, 2016; Silva, 2017; Sá, 2008; 2023), Currículo e cotidiano (Alves, 2015; Oliveira, 2016), A história da EI e o currículo da EI (Barbosa; Oliveira, 2016; Brasil, 2009; Dantas; Lopes, 2020; Kuhlmann Jr., 2015; Santos, 2024), e o lugar que se tem colocado as crianças e suas vozes no cotidiano e no currículo da EI.

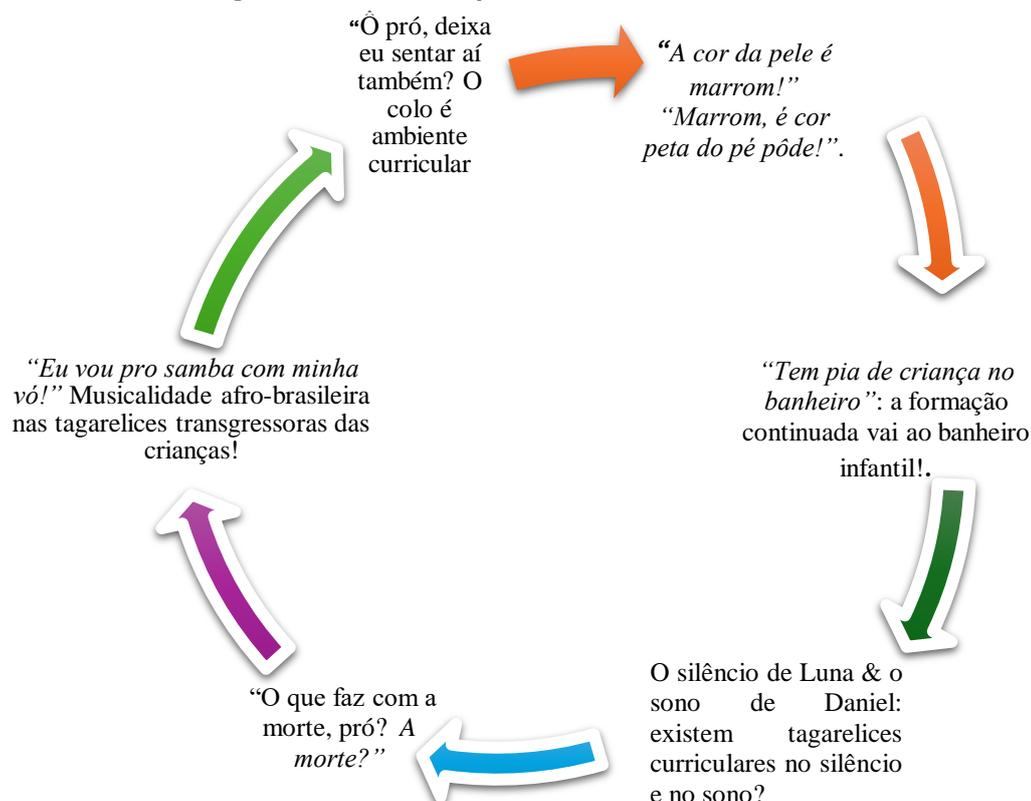
Figura 22 - Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo I



Fonte: elaborada pela autora.

Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo II é composto por 6 (seis) Círculos Curriculares Formacionais (Figura 23) organizados para diálogos e reflexões sobre questões apresentadas pelas crianças, em suas tagarelices, envolvendo relações étnico-raciais, preconceito e discriminação (Bento, 2012; Cavalleiro, 2024; Franco; Ferreira, 2017; Nunes, 2016; Gomes, 2012); Valores Civilizatórios afro-brasileiros na EI (Trindade, 2005; 2010); do sono ao silêncio às diversas linguagens utilizadas pelas crianças (Friedmann, 2013; Malaguzzi, 2016a) para tagarelar; Dor, doença, morte e luto nas tagarelices das crianças (Santos; Figueiredo, 2022); O colo como ambiente de escuta e criação curricular (Santos, 2022; Freire; 2022); e o banheiro como ambiente educativo (Barbosa, 2009; Gandini, 2016b); logo, lugar de criações curriculares.

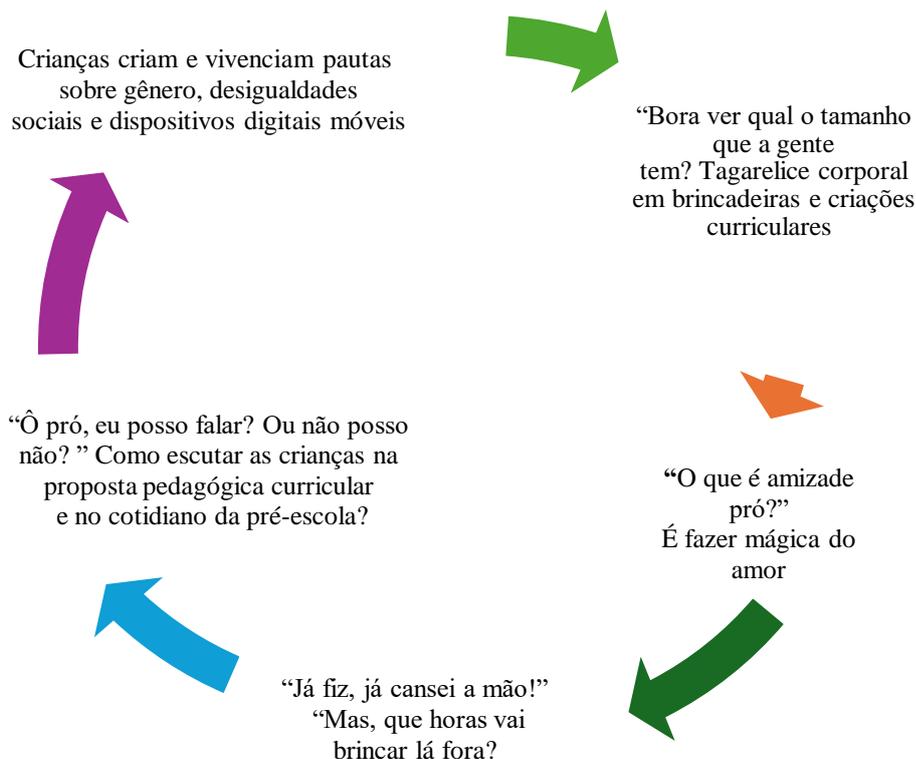
Figura 23 - Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo II



Fonte: elaborada pela autora.

Escutar a criança é Ato Formacional - Ciclo III é composto por 5 (cinco) Círculos Curriculares Formacionais (Figura 24), cujas tagarelices das crianças apresentam pautas referentes às desigualdades sociais (Reygadas 2004; UNICEF, 2023); currículo, ética, cuidado com os corpos da criança (Brasil, 2009; Dermatini 2009; Santos 2022; 2024, Malaguzzi 2016a); tagarelices corporais e brincadeiras (Brasil, 2009; Edwards; Gandini; Formann, 2016; Friedmann, 2013; 2020, Sarmento, 2004); questões de gênero (Corsaro, 2009; Buss-Simão, 2013; Bonilha; Lima, 2021); dispositivos digitais móveis (Cordeiro; Bonilla, 2017; Pretto, 2013; Souza; Bonilla, 2020); amor e afetos (Almeida, 2024; Maturana; Verden-Zöllner, 2004; Rinaldi, 2016a); e escuta das crianças no cotidiano e na proposta pedagógica e curricular da pré-escola campo da pesquisa.

Figura 24 - Escutar a criança é Ato Formacional Ciclo III



Fonte: elaborada pela autora.

A seguir, apresenta-se um esboço da estrutura e organização dos Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança no currículo da EI, de cada ciclo *Escutar Criança é Ato Formacional*.

Escutar a Criança é Ato formacional - Ciclo I - Organização

a) Círculo Curricular Formacional - “Posso falar, pró”? Escutar a criança é Ato Formacional

Objetivo: Refletir sobre a escuta da criança enquanto ato formacional.

Desenvolvimento: Apresentação das crianças colaboradoras da pesquisa. Exibição de um vídeo elaborado com as crianças tagarelando currículos em várias linguagens. Explicitação da proposta de formação continuada, destacando: 1. A escuta da criança como eixo estruturante da formação; 2. Os objetivos; 3 O cronograma; e 4. A proposta do caderno das Tagarelices Curriculares. Em seguida, faremos a leitura e reflexão dos dois princípios que orientam o processo da formação em foco. Texto *Primeiro princípio: a*

criança ao tagarelar cria, vivencia e apresenta pautas curriculares nos espaços da Educação Infantil [subseção 6.1 desta PTT] e o texto *Escutar a criança é ato formacional* [subseção 6.2]. As discussões sobre escuta serão tecidas com as tagarelices das crianças em diálogos com Freire (2022) e Santos (2022; 2024). Linguagens e culturas infantis, em Corsaro (2011); Edwards, Gandini e Forman (2016a, 2016b); Friedmann (2013; 2020); Malaguzzi (2016a); Sarmiento e Pinto (1997) e Sarmiento (2004).

**b) Círculo Curricular Formacional - “Oxe, mas Daniel falou! Daniel é criança”
- A escuta da criança é “ato político-pedagógico”!**

Objetivo: Compreender que a escuta da criança é um ato político-pedagógico.

Desenvolvimento: ao chegarem, as professoras escolherão um envelope feito com jornal ou com tecido. Dentro deles haverá tagarelices curriculares das crianças em quebra-cabeça. As participantes brincarão de montar o quebra-cabeça e conversarão sobre as narrativas das crianças. Em seguida, com base no tipo de envelope escolhido, elas se organizarão em dois grupos para realizar a leitura do texto *“Oxe, mas Daniel falou! Daniel é criança”*. *Oralidade na escola e sobre a escola* (texto que integra a subseção 5.1.2), e do texto *Escutar a criança é um ato político-pedagógico* (Santos, 2022). Partilhar, dialogar e refletir sobre os textos em foco promovendo debates sobre a escuta ato político-pedagógico (Santos, 2022) e a oralidade, valor civilizatório afro-brasileiro a partir de Trindade (2005, 2010). Em seguida, jogaremos as Cartas Tagarelas, jogo inspirado no baralho contendo as tagarelices das crianças. Caso fique acordada a proposta do Caderno das Tagarelices como elemento da formação, nesse segundo encontro, as participantes receberão um caderno para registro das tagarelices curriculares escutadas em suas turmas. Em cada caderno haverá um marcador com desenhos e tagarelices curriculares criados pelas crianças.

**c) Círculo Curricular Formacional - “S de Sapato. Deus me livre de S de Sapato”:
o currículo praticado com as crianças na história da Educação Infantil**

Objetivo: Dialogar sobre os caminhos do currículo na história da EI e o lugar historicamente reservado para as crianças no currículo.

Desenvolvimento: escuta de áudios originais das tagarelices das crianças e conversações estabelecendo relações entre a escuta das narrativas das vozes das crianças e o currículo na EI. Mapa conceitual explorando: História da EI - Currículo - currículo da EI - Criança-

Escuta - Criança *curriculante* – Currículo e Conversa complicada – Currículo Vazado. Sobre a história da EI, dialogaremos com Kuhlmann Jr. (2015); história do currículo, com Silva (2017) e Sá (2008); currículo narrativo *versus* currículo prescritivo, Goodson (2007); Currículo e cotidiano (Alves, 2015; Oliveira, 2016); *Conversa complicada* sobre currículo, com Pinar (2016); Currículo da EI, com Brasil (2009); Criança *curriculante*, com Macedo (2013a); Currículo Vazado, com Sá (2023); e Escuta, com Freire (2022) e Santos (2022).

**d) Círculo Curricular Formacional - “Pró, tá todo mundo na janela”:
transgressões curriculares das crianças!**

Objetivo: Refletir sobre as crianças, sobre suas criações e transgressões curriculares.

Desenvolvimento: As professoras serão acolhidas no portão da escola com um cartão com a mensagem “*PRÓ, TÁ TODO MUNDO NA JANELA*”. Nele, haverá a informação que, para acessar a sala da formação, as professoras precisam passar, antes, na sala onde a pesquisa foi realizada para ver a vida pela janela da sala de referência.

Refletiremos sobre as percepções de cada participante ao olhar pela janela da sala, entretecendo com os questionamentos: o que significa uma janela? Por que as crianças da pesquisa demonstraram atração pela janela? Por que Gabriel (5 anos) anunciou feliz para a professora que as crianças estavam na janela? As tagarelices das crianças podem ser consideradas janelas curriculares, por quê? Que currículo é possível construir ao escutar as crianças e olhar pelas janelas curriculares construídas com elas? É possível conversarmos sobre currículo com as crianças? Como pode ser construída a trajetória de conversação com as crianças sobre currículo?

Leitura de algumas tagarelices curriculares das crianças criadas na janela da sala de referência. Reflexão sobre o texto “*Escutar as crianças nunca é o fim é sempre (re)começo*” [Texto que compõe a Seção 7 deste trabalho]. As reflexões serão tecidas com Edwards, Gandini e Forman (2016a); Cavalleiro (2024); Franco e Ferreira (2017); Freire (2022), Gandini (2016a; 2016b); Gomes (2002; 2012); Macedo (2013a); Nunes (2016); Pinar (2016); Sá (2023); Rinaldi (2016a; 2016b); Santos (2022; 2024) e Trindade (2005, 2010). Para finalizar, escutaremos a música *O Seu Olhar* (Tatit, Antunes, 1995), e conversaremos sobre a relação entre a letra da música, as tagarelices das crianças e o currículo praticado no cotidiano.

e) Círculo Curricular Formacional - “Pró, eu tirei um bebê da laranja”! As surpreendentes tagarelices curriculares das crianças

Objetivos: 1) Discutir sobre os sentidos de currículos presentes nas surpreendentes e criativas tagarelices curriculares apresentadas e vivenciadas pelas crianças; 2) Dialogar sobre a importância de prática curricular relacional e interpretativa do que a criança está expressando; e 3) Compartilhar experiências de ecos das vozes das crianças nas ações curriculares cotidianas.

Desenvolvimento: As professoras serão acolhidas com uma redinha de frutas contendo uma tangerina e um cartão com a narrativa de Júnior (5 anos): “Pró, eu tirei um bebê da laranja”! Conversação sobre as questões: Você sabe o que é o bebê da laranja? Já escutou alguma criança dizer que tirou um bebê da laranja? E você, já tirou o bebê da laranja? Exibição do vídeo em que a criança criadora da narrativa mostra o bebê (a semente da tangerina) que ela tirou da laranja/tangerina. Reflexão sobre os sentidos de currículos existentes na narrativa de Júnior.

Em seguida, as participantes receberão algumas das surpreendentes tagarelices apresentadas pelas crianças, dentre elas: “Borboleta não existe”! (Gabriel 5 anos): “Ô pró, a gente vai ficar adulto que dia? segunda-feira”? (João 5 anos). “Eu fiz um portal! Quem abrir tem brinquedos. Quem fechar não tem nada aqui fora”! (Daniel 5 anos). Leitura do texto *A escuta das crianças em diálogos teóricos* [texto da Seção 2]. Conversação sobre a importância de escutar, interpretar, validar e ecoar, no cotidiano, as criações curriculares das crianças, dialogando com Edwards, Gandini e Formann (2016a; 2016b); Malaguzzi (2016a; 2016b) e Santos (2022; 2024). As professoras que desejarem compartilharão tagarelices curriculares das crianças que tiveram ecos nas suas práticas cotidianas.

Escutar a Criança é Ato formacional – Ciclo II - Organização

a) Círculo Curricular Formacional - “A cor da pele é marrom”! “Marrom, é cor peta do pé pôde”!

Objetivos: 1) Discutir sobre o papel do currículo frente ao racismo, à discriminação, ao silenciamento e ao preconceito pelos quais passam as crianças negras, tanto na EI quanto na sociedade; e 2) Refletir sobre a importância de acolher e valorizar as especificidades étnico-raciais e as singularidades das crianças franciscanas.

Desenvolvimento: microinstalação com objetos, imagens e tagarelices curriculares das crianças referentes à cidade de São Francisco do Conde e seus cotidianos. As participantes

se dividirão em dois grupos para a leitura dos seguintes textos: *Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil* (Trindade, 2005; 2010) e “*A cor da pele é marrom*”! “*Marrom, é cor peta do pé pôde*”! *Questões raciais na corporeidade das crianças* [texto da subseção a 5.1.1]. A partir da leitura desses textos, suscitar diálogos referentes à seguinte questão: onde estão as discussões sobre as relações étnico-raciais no currículo praticado com as crianças no cotidiano da pré-escola?

Com Bento (2012), Cavalleiro (2024), Franco e Ferreira (2017) e Gomes (2002; 2012) e Nunes (2016), serão ampliados os debates com ênfase na valorização das características fenotípicas das crianças, combate ao racismo, discriminação, preconceito e silenciamento das crianças negras na EI.

**b) Círculo Curricular Formacional - “Eu vou pro samba com minha vó”!
Musicalidade afro-brasileira nas tagarelices transgressoras das crianças!**

Objetivos: Conhecer como as crianças, transgredindo, criam, vivenciam e propõem pautas curriculares que envolvem valores de sua ancestralidade.

Desenvolvimento: leitura e discussão do texto “*Eu vou pro samba com minha vó!*” *Musicalidade afro-brasileira nas tagarelices transgressoras das crianças* [texto referente à subseção 5.1]. Transgressão de criança, nessa formação, significa as criações curriculares das crianças que provocam, desafiam, propõem e praticam outras pautas curriculares em contradição ao que é instituído/proposto/colocado para elas no cotidiano da EI. As reflexões serão tecidas com Bento (2012), Cavalleiro (2024), Franco e Ferreira (2017), Gomes (2002; 2012), Nunes (2016) e Trindade (2005, 2010).

c) Círculo Curricular Formacional - “Tem pia de criança no banheiro”: a formação continuada vai ao banheiro infantil!

Objetivos: 1) Conhecer as pautas curriculares criadas pelas crianças no banheiro infantil; e 2) Discutir sobre os espaços educadores da escola.

Desenvolvimento: Visita curricular no banheiro infantil. Nele estarão expostas tagarelices criadas pelas crianças no banheiro e em seu entorno (corredor e área que dá acesso ao banheiro). No banheiro, as participantes interagirão com as narrativas e conversarão sobre elas. Na sala, leremos e discutiremos sobre o texto nomeado “*Por que Luna não quer fazer xixi*”? *Crianças e criações curriculares no banheiro* (Texto da subseção 5.7 deste trabalho]. Conversação sobre os espaços educadores das escolas de EI a partir de Barbosa (2009) e Gandini (2016a).

d) Círculo Curricular Formacional - O Silêncio de Luna & O sono de Daniel: existem tagarelices curriculares no silêncio e no sono?

Objetivos: Dialogar sobre as diferentes formas das crianças construir, vivenciar e apresentar pautas curriculares no cotidiano da pré-escola.

Desenvolvimento: brincar de jogo da memória com imagens fotográficas das crianças em criações curriculares expressas em linguagens diversas. Conversar sobre as imagens e as expressões curriculares das crianças relacionando-as ao currículo e às práticas curriculares cotidianas na EI. Leitura de narrativas de Luna, em seu silêncio; e de Daniel e suas tagarelices curriculares ao cochilar, chorar, espernear, dormir e descansar. Dialogar sobre as diferentes formas que as crianças utilizam para tagarelar currículo e a importância da valorização de suas vozes nas questões curriculares. Em dois grupos, as professoras interagirão e dialogarão com os textos *Ao contrário, as cem existem* (Malaguzzi, 2016a) e *Os Cem Ouvidos do Educador/ra* (Ribeiro, 2022). Socialização das significações das professoras sobre os textos estudados.

e) Círculo Curricular Formacional - “O que faz com a morte, pró? A morte”?

Objetivo: 1) Perceber que as crianças criam pautas curriculares sobre dor, doença, morte e luto; 2) Refletir sobre o silenciamento dessas questões no cotidiano e no currículo da EI; e 3) Compartilhar experiências de ecos das vozes das crianças nas ações curriculares cotidianas.

Desenvolvimento: Interagir com as narrativas das crianças relacionadas às temáticas dor, doença, morte e luto. *Leitura do texto “Pró o que faz com a morte pró? a morte”?* *Tagarelices sobre vida, dor, doença e morte* [texto da subseção 5.5 deste trabalho]. Diálogos sobre como o currículo no cotidiano tem se posicionado frente às pautas complexas da vida apresentadas pelas crianças. As discussões serão estabelecidas com Santos e Figueiredo (2022) e Mallaguzzi (2016a).

f) Círculo Curricular Formacional - “Ô pró, deixa eu sentar aí também”? O colo é ambiente curricular

Objetivos: 1) Conhecer as crianças curriculares no colo da professora; 2) Dialogar sobre o colo como ambiente de escuta e produção curricular; e 3) Refletir sobre ética, afeto e igualdade de direitos das crianças para acessar o colo como ambiente curricular.

Desenvolvimento: As professoras serão acolhidas com músicas de ninar e uma mensagem sugerindo que elas imaginem situações vividas por elas mesmas no colo, ou vivências com seus filhos, sobrinhos, crianças conhecidas e ou acrianças da escola experienciadas no seu colo. Em seguida, receberão algumas tagarelices curriculares criadas e experienciadas pelas crianças participantes da pesquisa no colo da professora e conversarão sobre elas. Se desejarem, poderão socializar as experiências que vieram a sua memória enquanto escutavam a música de ninar. Leitura do texto “*Ô pró, deixa eu sentar aí também*”: *o colo é ambiente curricular* [Texto da subseção 5.6.3 deste PI]. Conversação sobre o espaço de escuta do Colo Curriculante em reflexão com Santos (2002) e Freire (2022), e sobre a ética, o afeto e igualdade de direitos das crianças para acessar o colo como ambiente curricular.

Escutar a Criança é Ato formacional - Ciclo III - Organização

g) Círculo Curricular Formacional - “Já fiz, já cansei a mão”! Em diálogos com *Não é hora de brincar, “mas que horas vai brincar lá fora”?*

Objetivos: 1) Refletir sobre a ética curricular com os corpos das crianças; e 2) Dialogar sobre a importância do brincar e do brincar *lá fora*.

Desenvolvimento: Em um balaio serão colocadas imagens e narrativas em que as crianças expressam, em tagarelices curriculares, a necessidade de o currículo estar atento para o cuidado com os corpos das crianças e considerar suas especificidades. As professoras serão convidadas a brincar reproduzindo as tagarelices curriculares das crianças presentes no balaio. Se desejarem, poderão socializar a experiência em reproduzir as brincadeiras das crianças. Leitura em grupos dos textos “*Já fiz! Já cansei a mão*”! *Tagarelices curriculares corporais entre cuidados e silêncios* [texto da subseção 5.6.2] e o texto *Não é hora de brincar, “Mas que horas vai brincar lá fora”?* [texto da subseção 5.6.1]. Conversação sobre os textos em estudo. Conversar sobre a relação existente entre o brincar, o currículo com foco em escrita e as especificidades do corpo das crianças. As discussões serão enredadas com Brasil (2009), Santos (2022) e Tiriba (2010).

h) Círculo Curricular Formacional - “Menino, bora ver o tamanho que a gente tem”?

Objetivos: 1) Apreciar as tagarelices corporais das crianças nas imagens em exposição na sala de formação; e 2) Discutir sobre o corpo como elemento da criança para brincar, explorar e conhecer o mundo.

Desenvolvimento: As professoras visitarão uma pequena exposição organizada na sala de formação, contendo imagens das crianças brincando e tagarelando com seus corpos. Conversação sobre as tagarelices corporais das crianças em exposição. Leitura o texto *“Menino, bora ver qual o tamanho que a gente tem”?* *Tagarelice curricular corporal em brincadeiras e criações curriculares* [texto da subseção 5.6]. Diálogos sobre o texto em estudo, enfatizando a importância das brincadeiras que as crianças criam com seus corpos e a valorização das tagarelices corporais das crianças no cotidiano e no currículo da pré-escola. Para ampliar essas reflexões, dialogaremos com as culturas e as linguagens infantis a partir de Corsaro (2009; 2011); Edwards, Gandini e Forman (2016a); Friedmann (2013; 2020) e Sarmento (2004).

i) Círculo Curricular Formacional - Crianças criam, vivenciam pautas curriculares sobre gênero, desigualdades sociais e dispositivos digitais móveis!

Objetivos: 1) Discutir sobre as pautas curriculares criadas e vivenciadas pelas crianças sobre gênero, desigualdades sociais e dispositivos digitais móveis; e 2) Refletir sobre o lugar dessas discussões no currículo praticado no cotidiano da EI.

Desenvolvimento: As participantes escolherão uma entre as três figuras, moeda, símbolo de gênero e símbolo do wi-fi. A partir dessa escolha, elas se dividirão em três grupos. As que escolheram o símbolo de gênero, farão parte do primeiro grupo *“Vai vencer os meninos, as meninas vão perder”!* (Gabriel, 5 anos), e trabalharão com o texto com a mesma temática [texto da subseção 5.2] para leitura e diálogos. As que estiverem com a imagem da moeda farão parte do segundo grupo *“Oh, pró olha o mapa do Tesouro”* (João 5 anos), e trabalharão com o texto *“Oh, pró olha o mapa do Tesouro” – Das desigualdades sociais* [texto exposto na subseção 5.3]. As que escolherem a imagem do wi-fi serão do grupo *“A senha da tia Lia é 070 e 5”* (Júnior 5 anos), e trabalharão com o texto *“A senha da tia Lia é 070 e 5” - Brincar com as tecnologias* [texto da subseção 5.4]. As reflexões tecidas nos grupos serão ampliadas por discussões apresentadas pelos estudos de Buss-Simão (2013) e Bonilha e Lima (2021) sobre gênero na EI; Reygadas (2004) com o enfoque multidimensional das desigualdades sociais; UNICEF (2023) sobre a pobreza na

infância brasileira; e Cordeiro e Bonilla (2017) e Pretto (2013) sobre as influências dos dispositivos digitais móveis na vida e nas infâncias das crianças da era midiática.

j) *Círculo Curricular Formacional - “O que é amizade, pró”? “É fazer mágica do Amor”*

Objetivos: 1) Conhecer as tagarelices curriculares amorosas expressas pelas crianças durante a pesquisa; 2) Refletir sobre a escuta das crianças como ato amoroso e afetivo; e 3) Compartilhar tagarelices curriculares das crianças escutadas no cotidiano da escola.

Desenvolvimento: As professoras, ao chegarem, receberão tagarelices amorosas das crianças em forma de cartas. Após fazer a leitura em roda de conversa, elas escolherão uma colega para ler e compartilhar a carta que receberam. Em seguida, faremos a leitura coletiva do texto *“O que é amizade, pró”? É fazer mágica do amor* [texto da subseção 5.8 do PI]. Teceremos diálogos sobre a importância do afeto na EI e sobre a escuta as crianças como ato afetivo. Ampliaremos as reflexões em conversações com Almeida (2024) e Maturana e Verden-Zöllner (2004). As professoras que desejarem poderão socializar tagarelices curriculares amorosas escutadas/ecoadas no cotidiano. Construção de uma nuvem de palavras significando o que seria um currículo afetivo na EI.

k) *Círculo Curricular Formacional - “Ô Pro, posso falar? Ou não posso não”? Como escutar as crianças no cotidiano e na proposta pedagógica curricular da pré-escola?*

Objetivos: 1) Criar, em coletividade, estratégias para escutar as crianças e ecoar suas vozes no currículo praticado no cotidiano da pré-escola campo da pesquisa.

Desenvolvimento: As professoras que desejarem, compartilharão tagarelices curriculares registradas no caderno das tagarelices de sua turma. Nesse *Círculo Curricular Formacional*, as professoras, as auxiliares das turmas, as profissionais de apoio às crianças especiais, a coordenadora pedagógica e as gestoras da escola campo da pesquisa serão convidadas a apresentarem proposições para que o currículo praticado no cotidiano dessa pré-escola possa reverberar as vozes das crianças.

Esse momento poderá ser registrado em pequenos vídeos ou gravação de voz, dependendo do que for autorizado pelas participantes. Possivelmente, serão revisitadas as principais discussões tecidas nesse processo de formação continuada: a criança nas suas

tagarelices cria currículos, a escuta da criança é ato formacional, a escuta é ato político-pedagógico, as diversas linguagens em que as crianças expressam currículo, e escuta e ecos das vozes das crianças no cotidiano da EI.

Será escolhida de uma comissão para fazer a transcrição do que cada professora propõe e elaborar um documento que expresse as sugestões apresentadas por elas. O documento poderá ser material de referência para as práticas curriculares cotidianas e para a revisão da Proposta Pedagógica e Curricular da pré-escola campo da pesquisa.

7 ESCUTAR AS CRIANÇAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL É UM CONVITE A SEGUIR

Entende-se que a formação das professoras da EI é um processo contínuo e que os desdobramentos formativos que acontecem na interação com a prática no chão da escola geralmente são ancorados nas concepções da formação inicial, estruturada nas tradicionais formas de conceber as crianças, as infâncias, a EI, o currículo, o ensino-aprendizagem, a avaliação e as práticas pedagógicas e curriculares.

Ao propor como Produção Técnica-Tecnológica (PTT) o processo de formação continuada “*Pró, tá todo mundo na janela*”! *Círculos curriculares formacionais sobre a escuta da criança no currículo da Educação Infantil*, a pesquisadora faz um convite aos profissionais da pré-escola campo da pesquisa, seus pares de profissão, a construir, em coletividade, uma experiência única e inovadora no processo de formação continuada.

A inovação é concebida nesse processo formacional por ele se distanciar dos moldes tradicionais das formações de professoras da EI, em que as crianças são concebidas como sujeitos que *receberão* os novos conhecimentos adquiridos pelas professoras, e ficam à margem dos processos formacionais. Inovar, nesta PTT, é aproximar-se das crianças e tecer um processo formacional em escuta de suas vozes. É olhar e ressignificar a formação continuada a partir de uma perspectiva em que os saberes da profissionalidade, fundamentados nas tradições prescritivas e conteudistas que marcam a EI, possam ser questionados e ressignificados a partir da escuta das tagarelices das crianças.

Nesse movimento formacional em escuta das crianças, as professoras são provocadas ao estudo, à pesquisa e à teorização da prática cotidiana. A formação continuada proposta entende que se formar escutando as crianças pode possibilitar que os processos pedagógicos e curriculares sejam atualizados a partir das crianças e de suas demandas reais. Um aspecto que se considera importante a ser destacado é que, possivelmente, os Círculos Curriculares Formacionais sobre a escuta da criança no currículo da EI sensibilizem as professoras participantes da formação a olharem para a produção do conhecimento do Mestrado Profissional em Educação (MPED) como uma ferramenta científica que, para além da formação da pesquisadora, possibilita colaborações nos processos formacionais de seus pares e estimula atualizações e inovações pedagógicas no espaço escolar.

Nesses termos, esta PTT, a partir dos resultados da pesquisa, propõe o desafio para a pré-escola campo da pesquisa iniciar uma trajetória formacional em que não existe unilateralidade de poder e saber, mas saberes que são matizados e potencializados em circularidades no encontro entre crianças, professoras, coordenadora, gestora escolar e pesquisadora. Portanto, forma-se no encontro e na escuta do outro, sobretudo, atenta que as tagarelices, a criatividade e a inventividade das crianças podem ser entendidas como processo de formação e inovação, curricular com possibilidade de se tornar um movimento constante. Isso porque pode estimular as professoras a escutarem as crianças cotidianamente e analisarem os pontos de encontro, os pontos de estranhamento e distanciamento entre o currículo que as crianças tagarelam e o currículo que é praticado com elas no cotidiano, e buscarem criar estratégias para equalizá-los.

A partir dessa perspectiva, entende-se que o aconTECER da proposta de formação continuada apresentada nesta PTT poderá: 1) Provocar interações, conversações, reflexões e interpretações; 2) Estimular instalações, desinstalações e ressignificações das práticas curriculares experienciadas com as crianças; e 3) Ressignificar o lugar em que as crianças têm sido colocadas, tanto no currículo cotidiano quanto na formação das professoras da EI. Por fim, esta PTT apresenta possibilidades de contribuir para inovação, tanto nas formações continuadas de professoras da EI quanto nas práticas curriculares, ao serem olhadas, ressignificadas, atualizadas e incorporadas a partir da escuta das crianças.

Ao observar e escutar intencionalmente as crianças, é possível perceber dicas, necessidades, interesses e novidades curriculares que elas apontam para o processo formativo da EI. Isso, sendo valorizado pelas professoras na EI, permite surgir infinitas *janelas* de possibilidades de criar estratégias curriculares de forma relacional e interpretativa do que as crianças estão falando e propondo no cotidiano.

Se escutarmos a criança a falar: “Pró, tá todo mundo na janela”! (João 5 anos), certamente poderemos contemplar novos horizontes para as ações curriculares cotidianas. Olhar pela janela com as crianças é revisitar e ampliar conhecimentos, ressignificar a docência, deslocar-se da tradição curricular prescritiva e, de mãos dadas com elas, seguir explorando as novidades formativas criadas e anunciadas nas suas tagarelices de crianças.

Por fim, que as tagarelices curriculares das crianças franciscanas que ecoam nesta PTT, tecidas com discussões, inquietações, reflexões e compartilhadas, possam somar às contribuições dos estudos nacionais e internacionais realizados e em realizações sobre crianças, infâncias, escuta de criança, currículo e formação de professores na busca por

uma Educação Infantil que escute as crianças e reverbere suas vozes na formação de professores e no cotidiano das práticas curriculares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. **Caosgrafia do amor docente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Concepções de intervenção do mestrado profissional em educação: tessituras curriculares de uma pesquisa *In: Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência*. GT12 - Currículo – Trabalho 1323. 38ª **Reunião Nacional da ANPED**. Outubro de 2017. UFMA – São Luís/MA. p. 1-15.

ALVES, Nilda. Currículo e pesquisa com os cotidianos. In: GARCIA Alexandra. OLIVEIRA, Inês Barbosa (Orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 161-169.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**. vol. 01. Ponta Grossa jan/abr. 2014. p. 235-245. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v09n01/v09n01a13.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; OLIVEIRA, Ramos de Oliveira. Currículo e Educação Infantil. *In: Currículo, linguagem e Educação Infantil. (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; caderno 6. v.7)* Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. p. 13-45.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil**. Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - Brasília: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BERTASI, Andressa Thaís Favero. **Desenho Narrativo na Pré-escola**: as crianças e seus pensamentos coloridos. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, BR-RS, 2019.

BONILHA, Luana Barbarelli; LIMA, Luciana Pereira de. Gênero e Educação Infantil: uma pesquisa documental de políticas públicas federais. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 177–201, 2021. DOI: 10.14295/de.v8i2.12056. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12056>. Acesso em: 4 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as diretrizes**

Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, 18 de dezembro de 2009, seção 1, p.18.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 13.257 de 08 de março de 2016b. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância.** Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 4 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abr. de 2016a.** Publicado em: 24/05/2016 | Edição: 98 | Seção: 1

BUSS-SIMÃO. Marcia. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de pesquisa** v.43 n.148 p.176-197 jan./abr. 2013

CARVALHO. Rodrigo Saballa de; SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; MACHADO Sandro. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. *In* CARVALHO, Rodrigo Saballa (Org). **Percursos investigativos em pesquisa com e sobre a criança na Educação Infantil** [Recurso Eletrônico]. 1 ed. Porto Alegre: CirKula, 2022, p. 25-56.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

COELHO, Patricia; Júlia Souza; SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas e aprendizagens experienciais de crianças de uma escola de educação infantil rural. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 222–240, 2019. DOI: 10.26843/v12.n2.2019.711.p.222-240. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/711>. Acesso em: 10 jun. 2023.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORDEIRO, Salete de Fátima Noro; BONILLA, Maria Helena Silveira. Cotidianos escolares e tecnologias digitais móveis: relações, tensões e ressignificações. - Educação e comunicação – trabalho 793. Maranhão 2017. 38ª reunião nacional da **Anped** – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA p. 1-17

CORSARO, Willian A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. *In* MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.) **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro.** São Paulo: ed. Cortez, p. 31- 50, 2009.

CORSARO. Willian A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed; 2011.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; SCHRAMM, Sandra Maria de Oliveira. Escuta da criança em pesquisa e qualidade da educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 16-34, out./dez. 2019.

DANTAS, Elaine Luciana Sobral; LOPES, Denise Maria de Carvalho. Educação infantil e currículo: Um olhar sobre os olhares da produção acadêmica. **Educação**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e38667, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.38667. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/38667>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. p. 523-536. Versão on-line ISSN: 1809-449X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/i/2012.v17n51/>. Acesso em 10 de abr. de 2023.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. *In*: FARIA, Ana Lucia Gulart; DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; PARDO, Patricia Dias (Orgs). **-Por uma cultura da infância metodologia de- pesquisa com crianças**. (Coleção Educação Contemporânea) 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p 1-17.

EDWARDS, Carolyn.; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a** abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2016a. V.1.

EDWARDS, Carolyn.; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a** Experiencia de Reggio Emília em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016b. V.2

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa - 7ª ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças; FERREIRA, Fernando Ilídio Silva. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. **Zero-a seis**, [s.l.], v. 19, n. 36, p. 252-271, 18 dez. 2017. Universidade federal de Santa Catarina (Ufsc). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n36p252>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

FREIRE. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. ed. 73ª. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In* MACEDO, Roberto Sidnei. GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa** Educação e Ciências Antropossociais. EDUFBA. Salvador, 2009.p. 13-73.

GANDINI, Lella. História, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi. *In*: **As cem linguagens da criança**: experiência de Reggio Emilia em Transformação. Porto Alegre: Penso, 2016b. v.2. p.45-86.

- GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Penso, 2016a. v.1. p.137-150.
- GOBBI, Márcia Aparecida. Num click meninos e meninas na fotografia. In MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patricia Dias (Orgs.) – **Das pesquisas com crianças a complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 129-156.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, [s. L.], v. 9, p. 38–47, 2002. Doi: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
- GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis. (Coleção Ciências Sociais da Educação). Ed. 4 – RJ. Vozes, 1995.
- GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância entre educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica Editira, 2011.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, jul. 2002.
- KRAMER, Sonia. Infâncias e pesquisas opções teóricas com interações com políticas e práticas. In: ROCHA, Eloisa A. C. KRAMER, Sonia. (Orgs.) **Educação Infantil Enfoques em Diálogos. Série Prática Pedagógica**. 3ª ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 2013a. p. 385-396
- KUHLMANN, Junior, Moysés. **Infância e Educação Infantil uma abordagem histórica**. 7. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5 edc.; 3.reimp. BH; Autêntica, 2016.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante.; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 75-126.
- MACEDO, Roberto Sidnei. As ideias nascentes In: **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à(aprendizagem) formação**. Roberto Sidnei Macedo. Omar Barbosa Azevedo. Ilhéus, BA: Editus, 2013a.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

- MACEDO, Roberto Sidnei. **A teoria etnoconstitutiva de currículo.** Teoria-ação e sistema curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.
- MATURANA, Humberto R. **Amar e brincar.** Fundamentos esquecidos do Humano do Patriarcado a Democracia. São Paulo: Palas Athena. 2004. Humberto R Maturam, Gerda Verdan-Zöller; Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo:Palas Athena. 2004.
- MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. *In* EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2016a.V.1.
- MALAGUZZI, Loris. De jeito nenhum. As cem estão lá. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org). **As cem linguagens da criança:** A experiência de Reggio Emília em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016b. v.2 . p. 20.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social.* *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). DESLANDES, Suely Ferreira NETO, Otávio cruz, GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: RJ Vozes, 2002. Ed. 21ª. p. 9-29.
- MOREIRA, Jefferson da Silva. **Pedagogia como ciência da educação no Brasil:** (des)articulações entre epistemologia e práxis Tese (Doutorado em Educação). – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023.
- MORO, Catarina; NUNES, Maria Fernanda Rezende. Educação infantil, práticas educativas e formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 10–15, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/6969/pdf> Acesso em: 20 abr. 2023.
- NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). DESLANDES, Suely Ferreira NETO, Otávio cruz, GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: RJ Vozes, 2002. Ed. 21ª. p. 51-66.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. *In*: NÓVOA, António. (Org.) Vida de Professores. 2ª ed. **Coleção Ciências da Educação.** Porto Portugal: Porto Editora 2013.p. 11-30.
- NUNES, Míghian Danae Ferreira. “Você veio olhar a gente ou escrever?”: Usos do caderno de campo em pesquisas com crianças numa escola de Educação Infantil. **Zero a Seis.** Florianópolis, v. 21 n. 40 p. 389-414. 2019. ISSN 1980-4512. DOI <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2019v21n40p389>.
- NUNES, Míghian Danae Ferreira. Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. **Latidade**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2016. DOI: 10.28998/lt.2016. n.2. 2616.

Disponível em <https://typeset.io/pdf/cade-as-criancas-negras-que-estao-aqui-o-racismo-nao-comeu-1jseozwvgt.pdf>

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ. DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. A formação em Contexto: A mediação do desenvolvimento Profissional Praxiológico. *In* **Pedagogias das infâncias, crianças e docência na Educação Infantil. Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica. Brasília 2016. p. 87-11

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n.33, p.111-125. 2016. Disponível: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/issue/view>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. “Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório”. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição e SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança. *In* PASSEGGI, Maria da Conceição et al. (Org.). **Pesquisa auto(biográfica) em educação** [recurso eletrônico]: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018, p. 103-122.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza do; OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de/ RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho; SILVA, Vanessa Cristina Oliveira da. Narrativas autobiográficas com crianças na pesquisa qualitativa em educação: reflexões sobre procedimentos de análise. *In*. (Orgs) COSTA. António Pedro [et. al]. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação**. v. 1. 2017. p. 462-477. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/issue/view/19>. Acesso em: 2 set. 2023, p. 45-72.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança sem a criança. *In* Passeggi, Maria da Conceição et al. (Orgs). **Pesquisa (auto) biográfica em educação infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 103-122.

PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. São Paulo: Cortez, 2016.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. *In* PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Coordenação). **As crianças contextos e identidades**. Braga. Universidade de Minho. Centro de Estudo da Criança, 1997. p. 33-72.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. 8ª edição. Salvador: Edufba, 2013.

REYGADAS, Luis. Las redes de la desigualdad: un enfoque multidimensional. **Política y Cultura**, otoño 2004, n. 22, p. 7-25, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/polcul/n22/n22a02.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2024.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emília. In EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Org). **As cem linguagens da criança: A abordagem de Régio Emília na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016b. v.2 p.235-248.

RINALDI, Carlina. O currículo emergente e o construtivismo social. In: **As cem linguagens da criança: A abordagem de Régio Emília na educação da primeira infância** Porto Alegre: Penso, 2016a. v.1. p. 107-116.

RIBEIRO, Bruna. **Pedagogia das miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. (Orgs) Educação Infantil Enfoques em Diálogos. **Série Prática Pedagógica**. 3ª ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 2013.

RODRIGUES, Elienai dos Santos Barreto; SANTOS, Marlene Oliveira dos. Pesquisa interventiva na educação infantil: anúncios de uma partilha com professoras. In ALMEIDA, Verônica Domingues.; CANDA, Cilene Nascimento; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de (Orgs.). **Inovoo de Mestrados Profissionais em Educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 93-100. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/inovoo-mestrados/>. Acesso em: 20 de abril de 2024

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Pontos sobre Currículo Escolar. Material didático utilizado para estudos sobre Currículo. Adaptado de SÁ, Maria Roseli G. B. de. Currículo, Cotidiano e Gestão do Conhecimento. Módulo 8 **Curso Gestão Escolar**. Salvador: FTC EAD, 2008. S U M Á R I O

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Reconceptualização e o Campo do Currículo. **Hermes Jornal Digital**. Edição Especial. Sessão Escritos. Salvador-Bahia, 2021. Disponível em Escritos (wordpress.com). Acesso em 26 abr.2022. p. 1-3.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Currículo Vazado**. 2023. Notas de Aula.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Narrar-me: composições em itinerâncias formativas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **Currículo Praticado com os bebês. Professoras com a palavra**. São Paulo. Pimenta Cultural, 2024.

SANTOS, Marlene Oliveira. “Nós estamos falando! E vocês, estão nos escutando?” **Currículos praticados com bebês: professoras com a palavra**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24562>. Acesso em: 04 ago. 2022.

SANTOS, Marlene Oliveira. Professor(a) da educação infantil, docência e pandemia. *In:* RIOS, J. A. V. P. (org.) **Profissão docente em questão!** Salvador: Edufba, 2021, p. 119-136.

SANTOS, Marlene. Oliveira. Escutar a criança é um ato político-pedagógico. *In:* LEAL, F. L. A.; CAMPOS, K. P. B. **O que as pesquisas com e sobre crianças podem nos dizer em tempos de crise?** Campina Grande: EDUEPB, 2022, p. 73-94.

SANTOS, Marlene Oliveira dos, FIGUEIREDO, Hortência Barreto Mendes de. AS Crianças e seus pontos de vista sobre a morte e o luto. *In* **Percursos Investigativos em Pesquisas com (sobre/para) Crianças na Educação Infantil.** Porto Alegre; CirKula, 2022. p. 257 – 284.

SANTOS, Marlene dos. Dilemas e desafios na pesquisa com crianças: narrativas de pesquisadoras brasileiras. **Revista Humanidades e Inovação. Infâncias e pesquisas:** problematizações epistemológicas, metodológicas e éticas. v. 7 n. 28. 2020. p. 218-235. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2138>. Acesso em 20 de mar. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. *In* PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coordenação). **As crianças contextos e identidades.** Bezerra – Editora de Abel Antônio Bezerra. Braga Portugal, 1997. p. 9 – 30.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade:** uma introdução as teorias do currículo. 3 ed.; 10. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 25, n. 11, p. 22–39, 2006. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 6 maio 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação.** Santa Maria v. 39 n. 1 p. 39-50. jan./abr. 2014. Disponível:
<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/11344/pdf>. Acesso em: 23 maio 2022.

SOUZA, Joseilda; BONILLA, Maria. O brincar na contemporaneidade: experiências lúdicas na cultura digital. **Revista pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-25. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/347620228_o_brincar_na_contemporaneidade_experiencias_ludicas_na_cultura_digital Acesso em: 25 maio 2024.

TATIT, Paulo; ANTUNES, Arnaldo. **O Seu Olhar.** Álbum Ninguém1995. Disponível em:
<https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=musica+o+seu+olhar&ty>

pe=E210BR1486G0#id=1&vid=708011e6b3f820b6c53b70b16d95b601&action=click.
Acesso em: 25 maio 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In.: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-15.

TRINDADE. Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. *In Valores afro-brasileiros na educação*. Ministério da Educação, v. 22. 2005, p. 30-36.

UNICEF (BRASIL). **As múltiplas dimensões da pobreza na infância e na adolescência no Brasil**: estudos sobre as privações de direitos que afetam crianças e adolescentes no país. 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/multiplas-dimensoes-da-pobreza-estudo-completo>. Acesso em: 4 jun. 2024.

UFBA. **Proposta Curricular do PPGCLIP-MPED**. 2024a. Disponível em: <http://www.ppgclip.faced.ufba.br/proposta-curricular>. 2024. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

UFBA. **Critérios para elaboração do Projeto de Intervenção (PI) e da Produção Técnica-tecnológica (PTT)**. 2024b. Disponível em: http://www.ppgclip.faced.ufba.br/sites/ppgclip.faced.ufba.br/files/orientacoes_pi_ptt_mped_ufba_revisada_setembro_2024.pdf Acesso em: 25 maio 2024.

**APENDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
TCLE**



Termo para mães, pais e ou responsáveis da criança

Projeto de Pesquisa

**TAGARELICES DE CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL:**

uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais a partir da escuta de crianças em
uma instituição pública

Pesquisadora responsável pela pesquisa: Elienai dos Santos Barreto Rodrigues

Pesquisadora responsável pela orientação da pesquisa: Prof.^a Dr.^a Marlene
Oliveira dos Santos

Este documento nomeado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE tem como objetivo esclarecer e assegurar os seus direitos e os da criança menor de idade, legalmente representada por você como participante. O TCLE é documento obrigatório nos projetos de pesquisa orientado pela Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012 e na Resolução CNS n° 510, de 7 de abril de 2016. Ele expressa respeito e proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Elaborado em duas vias, uma que deverá ficar sob sua posse e a outra com a pesquisadora responsável pelo desenvolvimento do estudo.

Leia-o atentamente, e, se houver dúvidas, antes, durante ou depois de assiná-lo você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Segue abaixo informações sobre a pesquisa.

1 **Convite à participação:** esse TCLE expressa um **CONVITE** a seu filho ou filha ser participante dessa pesquisa sob seu esclarecimento e autorização como seu responsável legal.

2 Apresentação, identificação, explicações: A pesquisa nomeada TAGARELICES DE CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais a partir da escuta de crianças em uma instituição pública é vinculada ao Programa de Pós-Graduação Currículo Linguagens e Inovações Pedagógicas (PPGCLIP) no seu Curso de Mestrado Profissional - MPED da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A pesquisa está sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos. Tem como instituição coparticipante a unidade pré-escolar na qual seu/sua filha/filho estuda.

3 Problema da pesquisa: Quais os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças no cotidiano de uma instituição pública da EI?

4 Objetivo geral: conhecer quais os sentidos de currículos presentes nas tagarelices das crianças no cotidiano de uma pré-escola pública.

4. Colaboração da criança ao participar da pesquisa: os resultados da participação da criança poderão contribuir para melhor compreensão de como crianças expressam currículos no cotidiano da Educação Infantil. Por isso, participando a criança irá colaborar no campo das pesquisas no currículo na/da Educação Infantil, pois suas narrativas poderão ajudar a compreender como as crianças expressam currículo no cotidiano e conseqüentemente poderá instigar reflexões sobre a importância da escuta da criança nas ações curriculares cotidianas.

5. Sobre Despesas ou Compensações Financeiras: a presente autorização de participação da criança é concedida a título gratuito. Portanto, **NÃO EXISTIRÃO DESPESAS** ou **COMPENSAÇÃO FINANCEIRA** relacionadas à participação da criança neste estudo.

6. Procedimentos de produção e análise de dados: a produção dos dados da pesquisa será desenvolvida por meio da observação da criança nas atividades da rotina cotidiana desenvolvidas na escola. A análise dos dados será realizada a partir da interpretação das narrativas da criança. Nesse processo a pesquisadora estabelecerá um diálogo entre a narrativa da criança, as significações da pesquisadora e os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa.

7. Procedimentos de registros: Os registros dos dados serão feitos no Caderno de Registro da pesquisadora nomeado *Caderno das Tagarelices das Crianças*, por meio de fotografias, gravação de vídeo, gravação da voz em áudio. Esses procedimentos de registros auxiliarão a pesquisadora na análise dos dados do estudo. A intenção da pesquisadora é realizar esses procedimentos de registros da forma mais natural possível.

Esses registros (gravação de vídeo, voz e fotografias da criança) ficaram sob a guarda, responsabilidade e cuidado da pesquisadora e poderão ser usados na produção e divulgação do relatório final do estudo.

8. Riscos, desconfortos e estratégias para minimizá-los: Toda pesquisa com seres humanos **PODE APRESENTAR RISCOS E DESCONFORTOS**. Nessa pesquisa eles se referem a possíveis desconforto da criança diante dos processos de observação e de registros dos dados (escrita das observações, gravações de áudios e produção de imagens fotográficas). Como estratégias para minimizá-los a pesquisadora estará a observar e a escutar as crianças no seu cotidiano escolar buscando desenvolver esse processo o mais discreto possível. Adotará também o protocolo de sempre conversar com as crianças assegurando-as de que ao sentir o mínimo desconforto ela comunica a pesquisadora que acolhe seu sentimento e busca junto a ela (a criança) como proceder para que possa se sentir mais confortável. A pesquisadora garantirá a criança a disponibilidade para assegurar assistência no que diz respeito escuta sensível acolhimento quando ela tiver alguma dúvida e ou interesse, ou queira saber maiores esclarecimentos sobre o processo da pesquisa. Também garantirá à criança o direito de desistir da participação a qualquer momento que desejar.

Outro possível risco é exposição do participante e para minimizá-lo a pesquisadora se compromete assegurar a privacidade e confidencialidade dos dados produzidos pela criança durante a pesquisa. Para isso, a pesquisadora garante guardar sob seus cuidados em HD externo os dados produzidos pela criança na pesquisa assim como a não identificação tanto nominal quanto facial da criança.

9. Dúvidas e esclarecimentos: às mães, pais e ou responsáveis pela criança participante tem direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, a informações e esclarecimentos de eventuais dúvidas sobre essa pesquisa e podem entrar em contato com a pesquisadora diretamente na unidade escolar onde a pesquisa será desenvolvida ou nos contatos relacionados ao final deste documento.

10. Anonimato da criança: a pesquisadora responsável pela pesquisa garante o anonimato da criança. Para isso, não utilizará imagem que identifique o rosto da criança e nem o nome próprio da criança. A criança será identificada na pesquisa por um nome fictício escolhido por ela.

11. Direito da criança de decidir por participar ou não da pesquisa: é imprescindível deixar claro que além do consentimento da mãe, pai e ou responsáveis, a própria criança, também dará seu assentimento em um *Termo de Assentimento Livre e*

Esclarecido – TALE com a linguagem própria para ela. Isso quer dizer que mesmo que tenha o consentimento do adulto responsável pela criança, se a criança não der o seu assentimento ela não será participante da pesquisa, respeitando o seu direito de escolher se deseja ou não participar. Além disso, mesmo a criança tenha concedido o assentimento inicial para sua participação, o assentimento da criança será observado e valorizado em todo o processo da pesquisa. Para isso a pesquisadora estará atenta aos gestos, as falas e a qualquer comportamento da criança que de alguma forma denuncie que ela não deseja participar. E a garantia do direito a não participação pode acontecer em qualquer momento da pesquisa sem que a criança deixe de participar definitivamente do estudo. Isso quer dizer que, se em algum dia ou momento a criança não desejar participar, mas em outros dias/momentos ela deseja participar a sua decisão será atendida.

12. Período da Pesquisa: de março a junho de 2024

13. Resultados e divulgação deste estudo: os resultados desse estudo poderão ampliar a produção de conhecimentos sobre a escuta das crianças no currículo cotidiano na/da Educação Infantil e ainda pode possibilitar a unidade escolar campo da pesquisa a fortalecer o desenvolvimento de ações que escutem e envolvam as crianças nas questões propostas pedagógicas e curriculares. No que diz respeito a divulgação do estudo, certamente, o estudo ainda em desenvolvimento e ou seus resultados poderão ser publicados e compartilhados em no repositório da Universidade Federal da Bahia – UFBA, artigos, livros, revistas, apresentados em palestras, simpósios, colóquios, seminários e outras atividades estritamente científicas podendo ser apresentadas em eventos científicos no Brasil e/ou no exterior.

Assegurar a c comunicação entre as pesquisadoras e as mães, pais e ou responsáveis também são marcas éticas dessa pesquisa. Desse modo para nos mantermos sempre próximos e estabelecer um canal de comunicação, transparência e esclarecimentos disponibilizamos nossos contatos. Pesquisadora: professora Elienai dos Santos Barreto Rodrigues - elienai_barreto@yahoo.com.br - (71) 98280-4515 Orientadora: Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos - dossantos.ufba@gmail.com (71) 99151-0833.

Diante e ciente desses conhecimentos

AUTORIZAÇÃO DE USO DE CONTEÚDO E IMAGEM



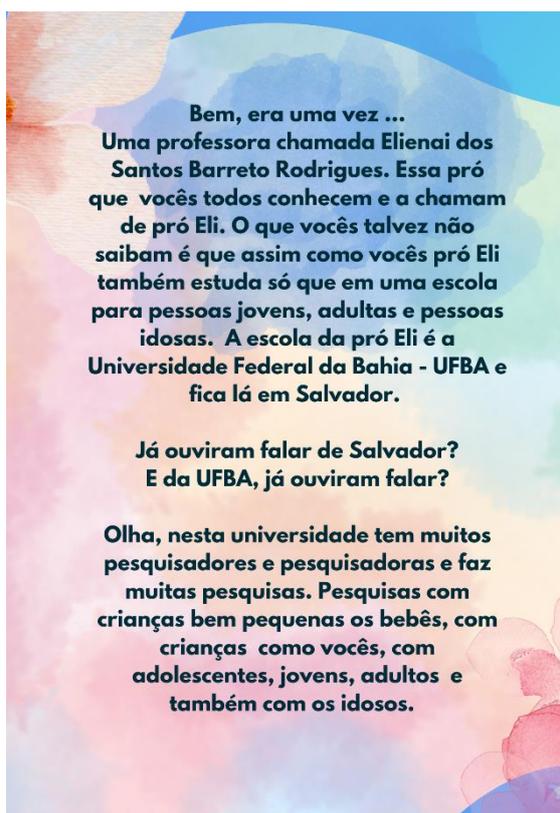
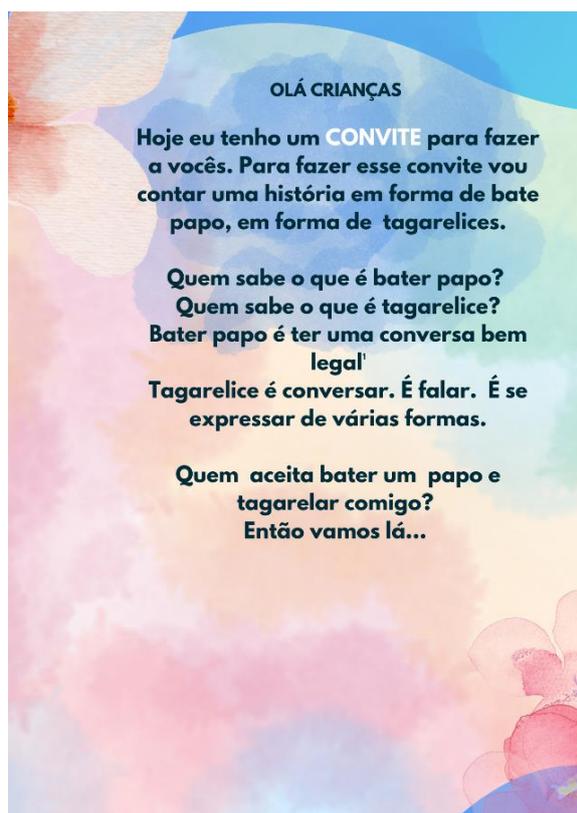
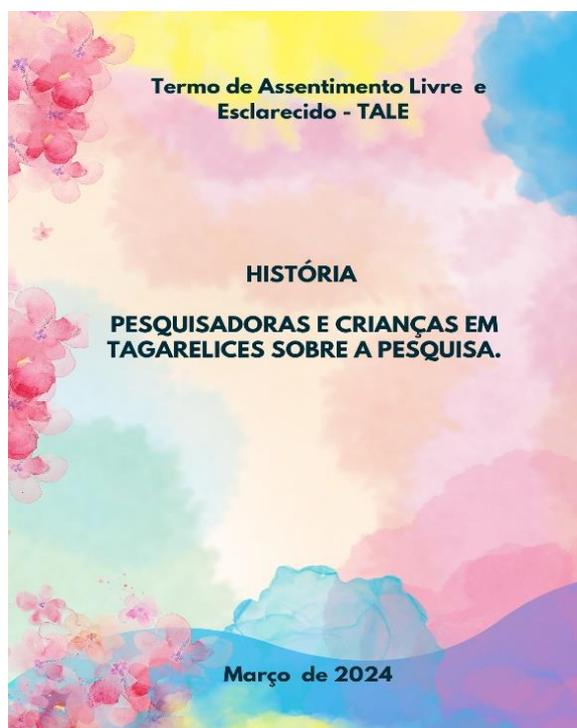
Eu, _____, portadora da cédula de identidade nº _____, inscrita no CPF sob nº _____ residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, responsável pela criança do _____ portadora do RG _____ com data de nascimento em _____, compreendo o que este estudo pretende pesquisar e por que ele será feito aceito o CONVITE e AUTORIZO a a criança acima identificada a participar da pesquisa **TAGARELICES DE CRIANÇAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL:** uma proposta de Círculos Curriculares Formacionais a partir da escuta de crianças em uma instituição pública, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PPGCLIP), em seu curso de Mestrado Profissional em Educação (MPED), e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil Crianças e Infâncias - GEPEICI, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, que está sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos e tem como instituição coparticipante a unidade de pré-escola da Rede Municipal de Ensino de São Francisco do Conde- Bahia. Cedo a pesquisadora, o conteúdo produzido pela criança durante a pesquisa sejam eles em forma de falas, áudios, vídeos e fotografias. Compreendo ainda que tenho liberdade de retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma e que a qualquer momento, posso buscar melhores esclarecimentos a respeito de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa em questão. A presente autorização é concedida a título gratuito, sem finalidade comercial, abrangendo o uso da imagem e de conteúdo acima mencionado em todo território nacional e no exterior nas modalidades de: relatório final da pesquisa; livros; artigos científicos e vídeos sobre os processos da pesquisa e seus resultados. DECLARO, por esta ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso dos conteúdos e imagens acima descritos sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem da criança ou a qualquer outro, assinando a presente autorização em 2 (duas) vias de igual teor e forma.

São Francisco do Conde - BA, ----- de -----de 2024.

Assinatura do responsável

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Esse termo foi impresso e encadernado tipo um livro um para cada criança em folha A4 e trabalhado pela pesquisadora em roda de conversa como contação de história.



É importante vocês saberem ...

Vocês estão sendo CONVIDADOS a participar da pesquisa.

A sua participação é de forma espontânea e gratuita.

Participando vocês irão:

Colaborar com estudos sobre a criança e o currículo da pré-escola. A pré-escola é a educação escolar para crianças como vocês.

Ajudar as professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores e muitas outras pessoas a entenderem como a criança pensa e fala sobre currículos.

E vão nos ajudar a refletir cada vez mais sobre a importância de escutar a voz das crianças nas decisões pelos conhecimentos a serem experienciados na escola.

Mas o que é mesmo TAGARELICE?

Tagarelice é falar, conversar, brincar, pular, correr, contar histórias, silenciar. Tagarelice nessa pesquisa são todas as formas pelas quais cada um de vocês se expressarem.

E vocês sabem o que é CURRÍCULO?

Olha tem vários tipos de currículos mas o currículo que a pesquisa vai estudar é o currículo da escola.

Sabe, são todos os conhecimentos que vocês aprendem ou gostariam de aprender aqui na escola.

Olha, as pessoas adultas responsáveis por vocês já deram permissão mas vocês vão decidir se desejam ou não participar da pesquisa.

Participar é um direito de vocês!

Sabem disso?

Sabem o que é

TER DIREITO A PARTICIPAR?

Ter direito a participar é poder falar! Opinar. Dizer se quer fazer algo ou se não quer fazer!

Participar é poder ajudar!

Querem saber como vocês podem participar da pesquisa? Vocês podem participar de muitas formas.

Conversando, brincando, perguntando, criando, cantando, fazendo arte, sugerindo, questionando, dançando, participando de tudo que é feito aqui na escola.

Também podem participar falando sobre o que gostam de fazer e o que não gostam de fazer. O que gostam de aprender, como gostam de aprender, as formas como vocês fazem e aprendem com a professora, com as outras crianças e demais adultos da escola.

Alguém quer falar, sugerir alguma outra forma de participar da pesquisa?

É importante vocês saberem ...

Vocês estão sendo CONVIDADOS a participar da pesquisa.

A sua participação é de forma espontânea e gratuita.

Participando vocês irão:

Colaborar com estudos sobre a criança e o currículo da pré-escola. A pré-escola é a educação escolar para crianças como vocês.

Ajudar as professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores e muitas outras pessoas a entenderem como a criança pensa e fala sobre currículos.

E vão nos ajudar a refletir cada vez mais sobre a importância de escutar a voz das crianças nas decisões pelos conhecimentos a serem experienciados na escola.

Também é muito importante vocês saberem

Mesmo aceitando participar se em algum momento ficarem incomodada ou incomodado ou não quiser mais fazer parte da pesquisa por qualquer motivo é só falar comigo e está tudo certo

Você pode desistir não precisa se preocupar.

Olha, durante a pesquisa você vai me ver aqui na sala observando, fazendo anotações no meu caderno, digitando no meu celular. Isso é muito importante para o estudo. E se vocês quiserem olhar o que estou fazendo é só pedir. Ok?

Ah, vamos fazer fotos, vídeos, áudios em celulares e se vocês quiserem poderão me ajudar a fazer tudo isso. Mas se em algum momento não acharem legal fazer vídeo, fotos e áudios é só falar.

OLHA DURANTE A PESQUISA VOCÊS CORREM RISCO DE:

Ficarem com vergonha, constrangidos por estarem sendo observados e ou na hora de fazermos fotografias, filmagens, produção de vídeos e áudios.

Sabem o que é ficar constrangido?

É se sentir envergonhado, aborrecido, incomodado, forçado a fazer o que não quer.

Olha se em algum momento vocês se sentirem assim, e não estiverem a vontade para participar é só falar comigo. Por que na pesquisa vocês só vão fazer o que desejarem fazer. Entenderam?

Olha, as pessoas adultas responsáveis por vocês já deram permissão mas são vocês quem vão decidir se desejam ou não participar deste estudo.

**Participar, se expressar, falar, tagarelar, sugerir, perguntar, solicitar, colaborar é um direito de vocês!
Sabem disso?**

Pois é CRIANÇAS

Vocês são muito importantes e podem ajudar em muitas coisas.

Por isso nós queremos convidar vocês a participarem dessa pesquisa.

A pesquisa vai estudar sobre o currículo tagarelado entre crianças e professoras aqui na sua escola.

O que é mesmo TAGARELAR?

Tudo Isso....

Tagarelar é falar, conversar, brincar, pular, correr, contar historias. Tagarelar nessa pesquisa são todas as formas de vocês crianças se expressarem.

E vocês sabem o que é CURRÍCULO?

Olha tem vários tipos de currículos mas o currículo que a pesquisa vai estudar é o currículo da escola.

Sabe, são todos os conhecimentos que vocês aprendem aqui na escola.

Querem saber como vocês podem participar?

Vocês podem participar de muitas formas.

**Tagarelando, brincando, perguntando, criando, sugerindo, questionando, dançando, falando sobre você, sobre a pesquisa, sobre a escola.
Interagindo em todos os espaços da escola.**

Podem tagarelar sobre o que gosta de aprender, como gosta de aprender, as formas como você faz e aprende com a professora, com as outras crianças e demais adultos da escola.

Vocês participarão também fazendo muita arte com tinta, carvão, folhas, pinceis, papeis, tecidos ...

Conversando com a pró, com os colegas e comigo.

Alguém quer falar, sugerir alguma outra forma de participar?

É importante vocês saberem ...

Vocês estão sendo convidados a participarem da pesquisa.

A sua participação é de forma espontânea e gratuita.

Participando vocês irão:

Colaborar com estudos sobre a criança e o currículo da pré-escola que é a educação escolar para crianças como vocês.

Ajudar as professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores e muitas outras pessoas a entenderem como a criança pensa e tagarela sobre currículo com as professoras aqui na sua escola.

E vão nos ajudar a refletir cada vez mais sobre a importância de ouvirmos a voz das crianças nas decisões pelos conhecimentos a serem experienciados na escola.

**OLHA DURANTE A PESQUISA VOCÊS
CORREM RISCO DE:**

Ficarem com vergonha na hora de conversar
comigo.

Ficarem constrangidos por estarem sendo
observados e ou na hora de fazermos
fotografias, filmagens, produção de vídeos e
áudios.

Sabem o que é ficar constrangido?

Na pesquisa é se sentir envergonhado,
aborrecido, incomodado, forçado a fazer o
que não quer.

Olha se em algum momento vocês se sentirem assim,
e não estiverem a vontade para participar é só falar
comigo. Por que na pesquisa vocês só vão fazer o
que desejarem fazer. Entenderam ?

Outra coisa muito importante

**A pesquisa
Não vai expor os nomes de vocês.**

Por isso, cada um tem direito de
escolher um nome para ser identificada
ou identificado.

**Caso você aceite participar com que
nome gostaria que fossem identificada
ou identificado na pesquisa?
E porquê escolheu esse nome?
Quer escrever o o seu nome fictício aqui?**

**Você acha importante participar
desta pesquisa?**

Por que você acha isso?

**Tem mais alguma coisa que
você queira perguntar sobre a
pesquisa?**

**Então, por hoje vamos terminando
nossas tagarelices sobre a pesquisa.**

**Mas vamos ter muitos outros
momentos para tagarelarmos.**

**Agora eu e minha pró Marlene
queremos saber:**

**Quem aceita participar da pesquisa?
Quem aceitar participar da pesquisa
faz um desenho de você aqui no seu
livro/Termo de Assentimento.**

Abraços tagarelos
Pró Elienai B. Rodrigues e pró Dr^a Marlene O. dos Santos.